BIBLIOTECA LUSITANA

Tristão o Enamorado

QUADROS DE CONJUNTO
DO ROMANCEIRO POPULAR PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO E PREFÁCIO
DE
THEOPHILO BRAGA

PQ
9243
T7
1914

EDIÇÃO DA
RENASCENÇA PORTUGUESA
PORTO

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone, 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

75.

Direitos reservados

TRISTÃO O ENAMORADO

BIBLIOTECA LUSITANA

VOLUMES PUBLICADOS:

CANCIONEIRO POPULAR — Selecção e estudo crítico de Jaime Cortesão.

CRONICA D'EL-REI D. DUARTE, DE RUY DE PINA — Estudo crítico, notas e glossário de Alfredo Coelho de Magalhães.

TRISTÃO O ENAMORADO — Coordenação e prefácio de Teófilo Braga.

Á SEGUIR:

AUTOS DE GIL VICENTE — Selecção e estudo crítico de Afonso Lopes Vieira.

BIBLIOTECA LUSITANA

Tristão o Enamorado

QUADROS DE CONJUNTO
DO ROMANCEIRO POPULAR PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO E PREFÁCIO
DE
THEOPHILO BRAGA

Marcellino Mordes
Lisboa, 23/3°/191

EDIÇÃO DA
RENASCENÇA PORTUGUESA
PORTO

PQ
9243
T7
1914

LIBRARY
AUG 19 1964
UNIVERSITY OF TORONTO

021046

A LENDA DE TRISTÃO NAS EPOPÊAS DE AMOR NA EDADE MÉDIA

Formulou Fauriel este principio esthetico: «Não ha Epopêa primitiva, que não seja por algum ponto a expressão de um *acontecimento* ou de uma *ideia.*»

Nos poemas anglo-normando, francez, inglez e allemão, que desde o seculo XII celebraram *l'Amorous de Bretagne,* o apaixonado Tristão, não ha um facto historico; entretecem-os as emocionantes aventuras de uma psychose affectiva através de situações imprevistas, criminosas e fataes. É essa *ideia* que recebe expressão empolgante em Chrétien de Troyes, desdobrando-se os quadros psychologicos nos poemas de Béroul, de Thomaz d'Erceldune, de Eilhart, e de Gottfried de Strasburg, nas narrativas em prosa, até á nitida e fulgurante representação musical. É a vida *subjectiva* que se desentranha do thema de *Tristão,* porque, como observa E. Muret: «A maior parte das aventuras de

que se compõe esta *Epopêa de Amor* nada representa de particular, de notorio, de caracteristico, e encontram-se nas Litteraturas e nas *tradições populares de todos os paizes.* » *(Romania,* t. XVIII, p. 608.) Mas esta simples verdade para ser explicada exige o conhecimento da elaboração do grande *Cyclo de Tristão,* que os inspirados poetas da Edade Média fixaram nas Litteraturas modernas; dos episodios avulsos d'esses poemas saíram os Cantos populares, que ainda vogam, dos quaes pelo seu estudo a critica hodierna estabelece o processo d'esses geniaes creadores elaborando um thema implicito em uma Lenda primitiva.

Desde 1835-38, em que Francisque Michel publicou os fragmentos que restavam dos poemas de *Tristão,* foi despertado o interesse por este ramo do Cyclo da Tavola Redonda; os estudos philologicos visavam as influencias mutuas dos poetas, e assim se recompôz o thema perdido de um *Tristão,* sobre o qual Chrétien de Troyes teria composto o seu poema, perdido tambem. Não estavam ainda generalisadas as investigações folk-loricas, que pelo espirito scientifico veiu a tor-

nal-as o processo critico para esclarecer o problema das superiores creações poeticas da humanidade.

Os poemas homericos, que tanto deram que fazer aos exames philologicos e intuições estheticas dos metaphysicos, só modernamente é que são considerados como materia folk-lorica. Escreve o erudito Michel Bréal: «Temos visto os poetas apoderarem-se de uma Legenda e amplial-a nas suas proporções, de fazerem d'ella um drama, uma epopêa. *Mas, isso é o genio de um só que faz tal prodigio.* O estudo das obras populares mostra-nos o povo *repetindo* e *variando* o mesmo thema de vinte maneiras. Portanto, é preciso a poesia culta para cambiar-lhe a natureza, fazel-a deixar o sólo e desprender as azas.» *(Para melhor conhecer Homero,* p. 127.*)* Aristoteles determinou nos vinte e quatro cantos da *Odyssea* apenas seis quadros, os quaes ainda hoje se repetem e variam nos Cantos populares, aproximados no Folk-Lore sob o ponto de vista do *conjuncto.* Tambem o *Cantico dos Canticos* estudado diante do criterio ethnologico, acha as suas situações dramaticas respectivas nas cerimonias prati-

cadas entre diversos povos, dando ao Epithalamio de Sulem uma realidade flagrante.

Os estudos folk-loricos começaram pelo aspecto *pittoresco* dos cantares do povo suggerindo as curiosidades locaes e nacionaes; esse aspecto artistico tornou sympathicos os resultados, e as compilações acumularam-se por toda a Europa. A riqueza dos materiaes provocou já a consideração: Que fazer de tantos residuos da tradição popular? O processo do Folk-Lore realisara o trabalho dos antigos *Rhapsodos,* considerando o povo como o inconsciente Aédo; era preciso exercer o trabalho dos *Diacevastas,* apreciando essas *variantes* e constituindo os quadros isolados; e então é que o Folk-lore se constitue em sciencia formando os *conjunctos* que nos revelam a Lenda principal, que inspirara os poetas que lhe deram fórma. Eis a funcção dos *Diacevastas,* dando aos elementos lendarios dispersos a coordenação ideal da Acção épica. Pelo estudo dos conjunctos rhaposodicos, e Folk-lore fazem penetrar o problema da formação litteraria sobre as Fontes tradicionaes, patenteando a Materia plastica *(Legenda)* e

as fórmas estheticas que recebe *(Generos litterarios).*

Este o espirito que nos tem dirigido.

As tradições dispersas de casos de amor de todas as épocas, umas populares, outras eruditas, agrupam-se em volta de um typo sympathico, em que a Legenda apagou os contôrnos historicos, convergindo para elle todos os aventurosos quadros de uma Epopéa de Amor. No seculo XII, quando o Cyclo da Tavola Redonda se fazia prevalecer sobre o Cyclo das Gestas Carlingias e guerreiras, pela acção feminina das Côrtes, e pelo caracter sentimental se debatia a thesé: *Que o verdadeiro amor não existe no casamento,* (André Chapelain), *Lancelot* e *Tristão* fôram os idealisados heróes d'essa exaltada sentimentalidade d'aquella epoca moral e historica. O poema de *Lancelot* teve de subordinar-se na sua acção á logica do Cyclo de Arthur, e *Tristão* ficou o thema franco á imaginação atrevida das fortes organisações poeticas, transigindo com a atmosphera sensual das Côrtes senhoriaes e reaes.

I

A LEGENDA DE TRISTÃO

Do conjuncto das observações sobre a analogia dos Romances da Tavola Redonda com os poemas dos Bardos, as Triadas, os Cantos historicos, as antigas tradições e os Cantos populares da Armorica, concluiu Villemarqué: «Anteriormente ás narrativas Romanescas dos Trovadores, existia uma Legenda gaëlica (galloise) de *Tristão,* á qual os poemas dos Bardos e as Triadas positivamente alludiram. Esta Legenda, desde remoto tempo repetida pelos narradores historicos tanto em Inglaterra como em França, recebeu a influencia da Cavalleria nascente tanto como as outras fabulas do Cyclo de Arthur, tendo sido o assumpto de diversos cantos populares em lingua britanica.» *(Les Remans de la Table*

Ronde, p. 88.) Nas Triadas da Ilha de Bretanha lê-se sob a rubrica: «Os trez homens *amorosos* de Bretanha: O primeiro foi Caswallawn o filho de Beli, apaixonado por Flur,... O segundo foi *Tristão,* filho de Tallwch, *apaixonado por Essylt,* filha de March, filho de Meirchion seu tio. O terceiro foi Cynon, apaixonado por Marvydd...» Esta tradição chegou ao poeta Thomaz d'Erceldune, que no seu poema do meado do seculo XII chama ao Namorado da Bretanha *Tristan l'Amorous.*

Tristão, que sabe tocar a harpa e a rotha britanas, era um bardo, como prova Jones em um estudo sobre *Musica e Poesia dos Bardos Welsch.* (Villemarqué, *op. cit.*, p. 75.) Desde que pertencia a esta ordem, passara pelas iniciações, entre as quaes havia a prova da *Beuvrage de Science,* como em relação a Taliesin refere o texto da *Archeologie galloise* de Myvrym. Vê-se como nas tradições populares, que se syncretisaram em Tristan, como para *l'Ami des Dames* e *l'Amorous* esse rito da iniciação se tornou uma *beuvrage d'amour* «que compartilhou, prostrado de calor e de sêde, com a sua amada, de que

lhe resultou muita dôr.» Assim, a bebida magica que a Rainha mãe de Yseult fabricou para a fazer amada de seu marido, é um vestigio das crenças bardicas dos povos britonicos. (Villemarqué, *ib.*, p. 70.)

Tristão é tambem considerado nas Triadas como um dos tres guerreiros invenciveis mais afamados dos povos britonicos, triumphando da valentia e da astucia.

Estas qualidades fôram postas em acção nas narrativas dos menestreis anglo-normandes, quando *Tristão* se lembra das situações perigosas a que conduz a paixão louca pela rainha Essylt. A Triada bardica diz que o perfeito cavalleiro é o que sabe vencer pelos combates da *Espada,* do *Canto* e da *Poesia.* Os menestreis e os trovadores celebraram as maravilhas dos seus Lais fazendo-o dizer:

Je sais bien temprer harpe et rote
Et chanter après la note.

O nome de *Tristam, Tristan* e *Tantris,* serviu tambem para a creação de Cantos populares pelo seu sentido etymologico.

Lê-se n'uma das Triadas: «Ha no mundo

duas forças contrarias inconciliaveis: a *Vida* e a *Morte;* sómente o *Amor* as harmonisa na existencia universal.» O nascimento de Tristão, filho do amor, causou a morte a sua mãe; a sua vida triumphou da morte pelo amor. Pela terminação do nome em *m* em vez de *n,* infere-se que é composto da voz verbal *Trwyz* — eu penetro ou passo através, e do substantivo *Teim* — morte. Assim se formava o conto de Tristam, entrando na vida através da morte *(Trwyzteim).*

Este thema só apparece no texto do esplendido poema de Gottfried de Strasburgo, que se julga tomado do perdido poema de Chrétien de Troyes. O nome de *Tantriz,* empregado por Thomaz d'Erceldune, tem o sentido da palavra *Tanistry,* que entre os povos britonicos significava o que ascende á realeza sem ser filho do rei, mas como parente ou heroe; como Gottfried de Strasburg, poeta allemão, desconhecia o costume juridico de *Tanistry* (1), fez essa inversão do

(1) Divisa mandada esculpir na Capella incompleta da Batalha pelo rei D. Manuel, que herdou o throno sem ser filho de rei. A interpretação pela Divisa *Tan que serey* não tem sentido applicavel á situação e vaidade manoelina.

nome de Tristam como exprimindo a situação de tristeza.

As Triadas do Monge de Lancarvan, com casos historicos romanescos contém allusões á rainha *Essylt* e ao rei *Marc'k,* seu esposo, como tio de Tristão; accentuam a paixão criminosa do guerreiro do paiz de Galles e apontam a rainha entre as trez esposas celebres pela sua incontinencia. Isilda *(Iseult, Isiaut)* é uma semnothêa, veleda ou walkyrie, possuindo a sciencia do licôr da recordação, *Minni,* em que celebra o culto do heroe, possue o conhecimento dos mysterios runicos, guarda o segredo da medicina, da Verbena, que dá a segunda-vista e o poder de *omnia sanans;* tem o direito de escolher o seu esposo, jurando combater a seu lado e subir com elle á pyra funeraria.

Que differença entre a lenda mythica e as degradações dos Cantos populares transmittidos pelos *harpeurs* e jograes britonicos insulares e armoricos, que fôram misturando a lenda independente de *Tristão* com a do rei Arthur, até convertel-o em companheiro da Tavola-Redonda. Escreve Leopoldo Sudre: «Um traço da legenda particular a Béroul e

Eilhart, representa Tristão em companhia de Arthur. A lenda de Tristão foi certamente a principio independente da de Arthur nas tradições britonicas: só mais tarde é que os troveiros as reuniram.» (*Romania,* t. XV, p. 547.) Paulin Paris já tinha notado essa independencia. O rei Marc'h, dil-o o segredo guardado pelo seu Anão e Adivinho, tinha orêlhas de cavallo; esta circumstancia apparece no conto popular irlandez e bretão como no romance novellesco. Nas linguas britonicas *Marc'h* significa cavallo, e *Marcheta* a prelibação do noivado *(jus primae noctis)* pelo senhor feudal; por ventura a prelibação de Iseult pelo sobrinho do Rei seu esposo, seria symbolisada pela expressão sarcastica de *orelhas de cavallo* (Marc'h e Marcheta). Villemarqué entende, e bem, que não entrou aqui a tradição do rei Midas no conto popular e concluindo, «que os auctores dos poemas de *Tristão* (Beroul, Thomas d'Erceldune, Gottfried de Strasburg) não fizeram mais do que pulir e arranjar um typo simples e humano que se encontra em todas as partes da obra.» (*ib.*, p. 81.)

A libertação do *Tributo das Donzellas*

tem tambem a sua feição tradicional sem a apropriação da empreza de Theseu. Golther, que combate a origem celtica (quer dizer britonica) das lendas de Tristão, escreve: «Estão as phantasticas aventuras attribuidas a Tristão, entre as que o egualam a Sigfried, a Beowoulf, aos semi-deuses gregos, um attento estudo descobre principalmente *logares communs do reportorio infantil,* da Mére l'Oic.» *(Romania,* t. XVII, p. 604.) A fonte popular é que se approxima da verdade. O *Tributo das Donzellas* teve o seu significado social; dos Povos de Ierne (a verde Erin) destacou-se uma tribu dos Scott ou Alban, que foi occupar a Bretanha Barbara, a ilha visinha das florestas, por isso chamada Calyddon, é a terra explorada *Scotia.* O Rei de Ierne para mantêr a sua soberania n'esse paiz florente (dos Pictes e Scotes) exigiu o tributo de *Quatro Donzellas* das familias mais nobres e de jovens do reino de Cornwall. Era uma forma da supremacia da metrópole; tradição egual se encontra da supremacia da cidade do Braga sobre o Porto, na sinceridade do chronista da *Monarchia lusitana,* e nas lendas do *Voto de Santhiago,* convertendo-se na

lenda o nome do *Morhout* em *Maüregato*. Um conto popular do Livro Vermelho do Collegio de Oxford (*Mabinogium*, III, 197) refere um tributo exigido dos Bretãos pelo principe irlandez, mas sem dizer a que titulo o reclamava.

«É o principe irlandez Morhoult, tio da Rainha Yseult, cujo verdadeiro nome historico é Mortholouc'h e a sua creada Brenzien. —N'esse Conto Brangwen, a Brenzien do Romance, era mulher de Mortholouc'h, que era habitante e seguira seu marido para a Irlanda; accrescenta que fôra victima dos conflictos entre os seus compatriotas e os Irlandezes, soffrendo muitos ultrajes a ponto de ser reduzida á posição de *creada*.

«E assim entra nos romances novellescos.» (Villemarqué, *ib.*, p. 79.) Tristão vendo-se doente em um paiz estrangeiro, manda uma mensagem a Yseult, em que um anel, que brilha no dedo do seu creado o fez ser levado á presença da rainha; o mesmo em uma ballada espalhada na Armorica, um jovem guerreiro então feito prisioneiro, querendo informar sua mãe, envia-lhe um mensageiro portador do seu anel. (*Ib*, p. 82.) No romance

portuguez de *Gaia* vem o mesmo estratagema do rei Ramiro, para se dar a conhecer á esposa. Golther entende que a *poesia popular* forneceu aos poetas anglo-normandos e francezes elementos como «a preciosa legenda das duas arvores entrelaçando sobre a sepultura dos dois amantes os seus ramos»; e conclue: «Todas as aventuras attribuidas aos celebres amantes—e cujo fundo principal é tomado de uma Lenda bretã, fôram ricamente elaboradas em Lais e em narrativas em prosa.» *(Romania,* t. XVII, p. 607.)

E d'esta elaboração, que se realisa no meado do seculo XII, diz Gaston Paris: «Podem descobrir-se ali *vestigios de uma antiga mythologia, geralmente mal entendida,* quasi impossivel de a reconhecer; predomina em geral um tom terno e melancholico e tem ao mesmo tempo uma paixão desconhecida nas Canções de Gesta, e além d'isso, os personagens dos Contos britonicos apparecem transformados em Cavalleiros e Damas.» *(La Litterature française au Moyen Age.).*

Era a feição da epoca, a expansão da Cavalleria, a crise esplendorosa da Segunda

Cruzada, e a fusão de um ideal poetico do Oriente e do Occidente. « A phantasia tão viva, tão livre, tão encantadora, que anima as historias do Cyclo bretão contrasta com a gravidade inteiramente marcial, a marcha estrictamente historica das melhores Gestas. » (Golther). Os Trovadores, apostolando pelo seu lyrismo a — egualdade perante o amor — comparavam-se aos typos ideaes dos poemas anglo-normandos e francezes. Todos esses elementos lendarios popularisados nas *Chansons à toile* e nos Lais tendiam a desapparecer da tradição, se grandes poetas não viessem dar-lhes fórma bella, inspirada e hallucinante pela cultura eximia da sua individualidade. É a Chrétien de Troyes que compete a gloria de ter creado a epopêa de *Tristão e Yseult, e o Rei Marc'h.*

II

AS EPOPÉAS DE AMOR NA EDADE MÉDIA

Os *trouveurs, rimeurs* e *harpeurs* obedeceram á corrente da sympathia popular cantando aventuras dos mais apaixonados amantes; Hagen cita um texto de um moralista medieval, em que se apontam quem eram esses namorados, que tanta impressão produziam: «et *Tristane* fabulae quaedam referunt histriones, quorum auditu concutiuntur ad compassionem audientium corda et usque ad lacrimae cumpunguntur...» E cita em seguida os nomes de *Arthur, Gauvain* e *Tristão*. (Roman, t. XV, 547.) E, justificava a affirmação de Golther, que «todas as aventuras attribuidas aos celebres amantes têm o seu fundo principal tomado de uma lenda bretã, pittorescamente divulgada em Lais e narrativas em

prosa. (*Ib*, t. XVII, p. 607). Este trabalho de espontanea idealisação, veiu a constituir uma segunda Legenda, na fórma de Lais e de Contos ou Novellas, em que se acumularam os magnificos episodios que vieram a receber a fórma artistica de Epopêas litterarias. Paulin Paris esboçando a evolução dos Poemas da Tavola-Redonda observa: «d'esta segunda legenda os *trouveurs* francezes formaram longos Poemas, de que se conservam preciosos fragmentos. Quasi ao mesmo tempo, isto é, no seculo XII, gentis espiritos e atilados, naturalmente francezes, inauguraram a prosa franceza *(Novellas)* compondo os grandes Romances de *Merlin, Arthur, Lancelot, Santo Graal, Tristão*. Foi n'estes livros que uma nova pleiada de *trouveurs*, tendo á frente Chrétien de Troyes, retomaram o assumpto ou inspiração de escrever poemas, que por seu turno foram imitados ou simplesmente traduzidos pelos narradores e *rimeurs* allemães, norueguezes, scandinavos, inglezes e italianos.» (*Ib.*, t. IV, p. 138).

Pode-se fixar quando, n'esta efflorescencia poetica, começou a ser elaborada a epopêa de *Tristão*. Em 1113, por este tempo, via-

jando o monge Hermann por Cornuaille (o Paiz de Galles) e consignando no seu livro *De Miracula S. Mariae Laudonensis*, noticia do rei Arthur entre as *Fabulae Britanorum,* é completamente omisso o nome de *Tristão.* Tambem na sua *Historia Britonica,* Geoffroy de Monmouth refere tradições bretãs directamente tomadas da Chronica de Nenius, achando-se já escripta em 1139 e mais ampliada em 1147; pois ao fazer a descripção das festas pomposas da coroação de Arthur, deixou omissos os nomes de alguns Cavalleiros os mais afamados: d'aqui concluiu Paulin Paris: «que permitte pensar que a maior parte dos heroes da Tavola-Redonda, *Yvain,* Agravain, Leonel, Galahaut, Hector de Mues, Sagramor, Bandenagus, Blumberis, Perceval, *Tristão,* Palamedes, o rei Marc'h, *a bella Yseult* e Viviana, ainda não tinham figurado em qualquer composição litteraria. Importa notar, que da Távola Redonda Geoffroy não diz uma unica palavra.» *(Les Romans de la Table Ronde,* t. I, p. 61.)

Geoffroy de Monmouth faleceu em 1155, não imaginando, que esses heroes, Lancelot, Perceval, Tristão e Yseult viriam

para encantar o mundo, entristecido pelos prolongados terrores do Millenium. Os trovadores, com as suas Canções subjectivas de ideaes amores, vivificando o sentimento, apoiaram a sua expressão lyrica na objectividade d'esses casos amorosos das Novellas floreados em emocionantes Poemas. Os Trovadores que floresceram entre 1155 e 1165, citam nas suas Canções o nome de *Tristão;* taes são: Bernard de Ventadour, Ogier de Vienne, Bertrand de Born, Arnaud de Miraval, Rambaud de Vaqueiras, Aimar de Peguillain, Pierre Cardinal, Rambaud de Miraval, Giraud de Cabreira, Hugues de la Bohlin, Deudes de Praga, Perrols, Bertrand de la Ruergue, Aimon Morvan, Pierre de Capdinal, Barthélémy Zorgi. E ainda o trovador Rambaud d'Orange, falecido em 1173, referindo-se em uma canção á sua mocidade, cita o *Tristão.* (Ap. Fauriel, *Hist. de la Poésie prov.,* t. III, p. 482.) Raimond de Miraval, por 1155 escrevia:

Anc *Tristan,* ni *Amelis*
Ne furan d'amor tan lis

Será este apaixonado *Amelis* o *Amadas* do poema, ou algum Lai gallo-bretão já so-

bre o *Amadis?* Fique indicado o problema: Tristão sendo *l'Amorus de Bretanha,* começaria a elaborar-se o thema de *l'Amorus de Gaula.* Sobre as allusões á Legenda de Tristão, escreve Leopold Sudre: «Em uma palavra, todas estas allusões parecem derivar da transformação operada por Chrétien de Troyes ou por um outro da antiga tradição dos amores de Tristão e de Yseult, transformação que foi continuada e principalmente desenvolvida pelos Romances em prosa sobre este assumpto.» *(Rom.,* t. XV, p. 539.) Estas duas fórmas, de versificação e prosificação, desenvolvem-se independentemente, uma pelos grandes poetas Chrétien de Troyes, seguido por Béroul e Thomas d'Erceldune, e este seguido por Geoffroy de Strasburg; a da prosa Romanesca, nos cyclo italiano, e allemão (em Eilhart) e em Hespanha e Portugal.

Toda esta actividade, que se expande no meado do seculo XII está ligada á vida das Côrtes e á extraordinaria epoca da segunda Cruzada; os poetas fôram suggestionados por narrativas em prosa que metrificaram entremeiando-as com as fabulas orientaes trazidas para a Europa e pelo estabelecimento

da nova Côrte de Byzancio. Dá-se este syncretismo no fóco anglo-normando de Henrique II, o Planlageneta, o grande apaixonado da bella Rosemonde; e em Flandres, na Côrte de Filippe de Alsacia, o apaixonado da *Puella de Portugal,* D. Thereza Mafalda, filha do rei D. Affonso Henriques. N'estes dois meios novos de cultura e galanteria é que os poetas se inspiraram para elaborarem as emocionantes Epopêas de Amor. Golther reconheceu que esses poemas iam muito além dos themas tradicionaes historicos, mas sem precisar a influencia vital do meio palatino.

«Uma parte dos nomes proprios que se encontra nos romances francezes, certos detalhes de caracter maravilhoso, sobrenatural, lembram os Lais, pareceu-lhe na verdade tomados da tradição britonica. Mas nada mais auctorisa a suppôr que os Bretãos de Inglaterra tivessem em qualquer tempo narrativas extensas relativas a Tristão e Yseult; tudo leva a crêr que os Poetas anglo-saxões e francezes são os verdadeiros creadores d'essa incomparavel Epopêa de Amôr. A maior parte das aventuras de que se compõe esta Epopêa nada apresenta de particular, de

nacional, de caracteristico, e acham-se nas litteraturas e nas tradições populares de muitos paizes. Diversos episodios provém d'estes Contos moraes e satiricos, que a nossa Edade Media recebeu do Buddhismo e que devem á poesia franceza essa parte da sua celebridade européa. Estes Contos eram indubitavelmente menos espalhados nas regiões afastadas em que se fallavam idiomas britonicos, do que entre os Normandos de Inglaterra em relações continuas com o Occidente e o Oriente latino. » (*Rom.*, t. XVII, p. 604.) D'esta epoca activa de elaboração poetica, fixada em 1154, diz Leopolde Sudre: « N'esta epoca a lenda de *Tristão* era inteiramente popular no norte da França; ella tinha sido ou ia ser o assumpto do poema de Chrétien de Troyes, depois de ter sido o thema de Lais e de poemas (de menestreis) anglo-normandos. » (p. 547.)

E este ponto ainda se manifesta no *Tristão* de Beroul; Heinzel pretendeu reconhecer nos fragmentos que restam do poema de Beroul vestigios de poemetos episodicos, que são segundo Golther, fragmentos conservados que encadeiam na poesia dos Jogràes, riquissimos e variados, tendo florescido entre

os Normandos de Inglaterra no fim do seculo XI, e comêços do seculo XII, espalhados pelos *trouveurs, conteurs, fableurs, rimeurs, harpeurs* e *jongleurs,* universalisando a lenda de Tristão em Inglaterra, França meridional, septentrional, Dinamarca, Noruega, entre os Slavos da Bohemia, Grecia byzantina, na Italia, Hespanha e Portugal.

Um verdadeiro poeta, no meio do seculo XII, dá fórma a todos estes elementos da imaginação, suscitada pelas relações de dois mundos que se desconheciam, o Oriente e o Occidente; sem preoccupação do aperfeiçoamento da lingua franceza, mas do interesse da phantasia deslumbrante e inexgotavel: Chrétien de Troyes, com uma fecundidade incomparavel e um poder de idealisação arrebatadora, compõe uma nova cathegoria de poemas contrastando com as Canções de Gesta, e acordando um novo gosto para os quadros novellescos de aventuras. No fim do seculo XII, já esse genero formava classe na cathegoria dos poemas, que Lambert d'Ardras caracterisava como *Eventura Nobilium,* entre as *Cantilenas Gestorias* e as *Flabellas ignobilium.* São numerosos os poemas de

Chrétien de Troyes, que ainda se conservam; mas por fatalidade perdeu-se o poema de *Tristão, ou o rei Marck e a rainha Yseult,* que maior impressão produziu, como se infere pelas numerosas imitações de outros poetas seus contemporaneos, em França por Béroul, em Inglaterra, por Thomas d'Erceldune, na Allemanha por Eilhart d'Olveg, Gottfried de Strasburgo, Ulric de Turheim e Henri de Friberg. Pelas imitações d'estes poetas se pode até certo ponto reconstituir o schema do seu *Tristão,* cuja pêrda se poderá talvez attribuir á influencia deleteria que exercia nos costumes essa empolgante idealisação de um amor illicito, justificado pelo impulso organico symbolisado n'um philtro ou *boivre d'amour.*

O proprio Chrétien de Troyes sentiu-se obrigado a compôr outro poema, o *Cliges,* para combater o effeito do *Tristão,* como elle proprio diz:

> L'amour d'Yseult et de Tristan,
> Dont tantes folies dit l'an,
> Que honte m'est à raconter.

Pelo enrêdo de *Cliges,* que os criticos medievistas denominam *Anti-Tristão,* tambem

se completa essa reconstrucção pelas situações parodiadas. O *Philtro,* que foi a perdição de Tristão e Yseult, é que salva Fénice, desposada contra vontade, amando ella o sobrinho de seu marido, Cliges; é tambem uma aia que lhe dá a *breuvage* que defende a sua virgindade. Béroul, imitando no seu *Tristão* o prestigio do philtro modifica o seu influxo fatal, conservando a fascinação apenas por trez annos.

Paulin Paris considera Chrétien de Troyes como o primeiro que iniciou esta verêda do syncretismo das tradições em aventuras romanescas: «Animado pelos principes e princezas que possuiam exemplares manuscriptos de narrativas prosaicas sem arte, pondo-as á sua ordem para as *versificar,* d'ellas tirou Chrétien materia para muitos poemas habilmente escolhidos, dando-lhes o mais agradavel e ingenuo estylo. Na sua liberdade poetica bastava-lhe por vezes o nome de um cavalleiro legendar, para lhe ligar uma aventura impressionante da vaga tradição.

«Assim foram compostos os seus poemas ude *Erec et Enida, Cliges* e o *Chevalier a Lion.* O bom acolhimento prestado aos tra-

balhos de Chrétien de Troyes estimulou os outros troveiros; d'ahi por diante os jograes seguros de que seriam sempre ouvidos com agrado, trouxeram a campo todos os companheiros da Tavola Redonda. Durou tres seculos esta sympathia. Os troveiros a exemplo de Chrétien, escolheram um ou outro heroe, cuja historia continuaram. Umas vezes tomavam do *Tristão* ou de *Lancelot* alguns episodios destacados para os accomodar ao gosto dominante. Ao ouvil-as, estas novas invenções eram sempre tomadas dos grandes Romances.» Por esta via chegaram esses episodios e quadros poeticos de *Tristão,* de *Lancelot,* de *Flores e Brancaflor,* de *Parthenopeus de Blois,* ás cantilenas populares, onde ainda se *repetem* com inexgotaveis *variantes.*

Essa influencia dos principes e princezas em Chrértien de Troyes, notada por Paulin Paris, patentea-se na sua realidade, na Côrte de Conde de Flandres, Philippe de Alsacia, de quem Chrétien de Troyes era *clerc liseur.* Elle compoz o *Conto de la Charrette,* que é propriamente a historia dos amores de Lancelot sobre cadernos comunicados pela prin-

ceza Marie de Champagne, filha de Luiz VII e de Leonor de Poitiers.

O poema de *Gauvain* foi dedicado á Condessa Jeanne de Flandres pelo troveiro Menessier; a Henrique II, o Plantageneta, foi dedicado o *Roman de Rou*. Por influencia d'este rei se fez o casamento do Conde de Flandres com Thereza Mafalda, a *Puella de Portugal,* como a denominam os chronistas contemporaneos. Ella tornou sua côrte um interessante fóco de cultura poetica. Tendo falecido Chrétien de Troyes entre 1195 a 1198, elle serviu o gosto poetico d'essa princeza e e por ventura ás suas preclaras virtudes conjugaes, elle sacrificou o poema de *Tristão, Rei Marc'k e Rainha Yseult,* que desappareceu quando estava sendo mais imitado e admirado, compondo intencionalmente uma palinodia no poema de *Cliges*. Tambem no poema de *Lancelot,* que faz parte da *Demanda do Santo Graal* no texto portuguez, elle é substituido por seu filho o candido e virginal *Galaaz* para chegar ao Santo Graal como cavalleiro Templista.

Philippe de Alsacia, que se tornara celebre na segunda Cruzada, prégada por San

Bernardo, tinha uma Côrte em que se cultivavam as letras e as Sciencias, e onde o astronomo Raul era sabedor da lingua arabe. Tomaram parte n'esta Cruzada numerosos cavalleiros heroicos belgas, entre os quaes o principe Balduino, Conde de Flandres e de Hainaut, grande apaixonado das lettras; foi elle o *primeiro Imperador latino de Byzancio,* como Godofredo de Bouillon o foi de Jerusalem. Eis definido o periodo historico da segunda Cruzada que determina essa fulguração poetica em que as tradições anglo-normandas da côrte de Henrique II e do elemento oriental latino da Côrte do Conde de Flandres, se fundem criando os poemas de um novo Cyclo das *Eventura Nobilium,* que chegou a actuar nas Canções de Gesta Carlingias. Basta esta circumstancia do meio flamengo para explicar o incrustamento de mythos hellenicos na lenda de *Tristão,* tratado pelos imitadores de Chrétien de Troyes. Assim escreve Bédier no estudo *La mort de Tristan et de Yseult:* «importa confrontar *Tristão* e Theseu, o vencedor de Minotauro e o vencedor de Morhout, d'este gigante que, como o monstro costuma exigir o *Tributo de Don-*

zellas e de môços; a vela branca ou a negra, que deve trazer o navio de Yseult é certamente a vela que Egeu procura no horisonte dos mares gregos. São as mesmas legendas que enchem um poema hesiodico e os Romances da Tavola Redonda. Como *Tristão* vae conquistar a mulher que ama seu amigo, Theseu auxilia Pirothoos a raptar Coré.» *(Ronania,* t. XV, p. 485.) Pelo seu lado Golther, confrontando Marhout com o Minotauro, busca entre as antigas tradições irlandezas a crença de *Fimori,* o gigante marinho que reclamava Tributo de Donzellas; e quando encontra a *Espada entre os amantes,* determina o simile no poema de *Miles et Amiles,* e no mesmo symbolo usado na India, como o encontrara Stanzler. Todas estas contaminações reduzem-se ao syncretismo consequente de uma acção tão fecunda, como a da segunda Cruzada. A critica litteraria não pode ser exclusiva de fontes litterarias; tornam-se inexplicaveis os poemas separados do estudo do meio social, que n'elles se reflecte, como um aspecto subjectivo da historia.

No poema de *Erec et Enida,* que foi obra da sua juventude, descreveu Chrétien

de Troyes o Combate de Tristão com Morhout, na ilha de San-Sanson (na forma popular *Sansonha);* era um esbôço, que veiu a formar parte do seu hoje perdido *Tristão.* Assim infere Leopoldo Sudre: «este detalhe dado por Chrétien de Troyes, á falta de outros testemunhos faz suppôr que elle bebeu em outras fontes, não conhecidas de Beroul e de Thomaz de Erceldune para compôr o seu *Tristão.*» E conclue por outras allusões: que Chrétien de Troyes escreveu o seu poema de *Tristão* antes de todas as suas outras obras d'elle hoje conhecidas, que esse fôra a sua primeira composição.» *(Ib,* p. 543 e 544.

Como todas as elaborações poeticas do *Tristão* de Beroul, de Thomaz, de Eilhart e de Gottfried de Strasburg, fôram imitação e desenvolvimento do Poema perdido de Chrétien de Troyes, por ellas se recomporá indirectamente a sua estructura. No poema de Beroul falta o nascimento de Tristão, tambem truncado e pela mesma circumstancia no de Thomas d'Erceldune, mas apparece na imitação de Gottfried de Strasburg, nos seguintes traços: «Durante uma trégua com o seu inimigo Morgan, veiu Riwalien de Parmenis

visitar o Rei Marck de Kornewal á sua côrte de Tintejoel. É por esta occasião, que se aproxima de Brancaflôr, irmã do Rei. Ella acompanha Riwalin, que partira n'uma missão do Rei Marck em trajo de incognita, e quando chega ao acampamento elle estava ferido e expirava. Brancaflôr achava-se gravida. No emtanto Morgan quebrou a trégua, vae resistir contra a invasão do seu inimigo e morre no combate. Brancaflôr morre de parto de seu filho, que por essa circumstancia foi-lhe posto o nome de Tristão.»

É curioso este quadro, que apparece nos romances populares portuguezes do Conde de Montalvar, do conjuncto de *Tristão enamorado*. Desde D. João I fôram intensas as relações de Portugal com Flandres, depois do casamento da princeza D. Izabel; é mais certo que essa tradição viesse de Flandres e não da Allemanha para Portugal. O final do poema de *Tristão* de Gottfried de Strasburg ficou interrompido pela morte do poeta em 1215; mas o quadro da morte de Tristão e de Yseult, e das arvores que crescem na sua sepultura, foi tratado por Eilhart d'Olbeg, tal como se acha na tradição portugueza.

O poema de Gottfried ficou interrompido no lance em que Tristão está no solar do Duque de Jovelin, namorado da filha Isot das mãos brancas. Tambem se acha esta situação nos romances populares portuguezes. Ulrich de Triheim continuou o poema de Gottfried, e descreve a scena do encontro de Yseult das *mãos brancas* com a Yseult a *loira,* e a morte dos dois amantes; o entêrro de cada um d'elles, e como o rei mandou plantar sobre a sepultura de Yseult uma roseira e sobre a campa de Tristão uma vinha. A mesma situação nos romances populares portuguezes.

O poema de *Tristão* de Thomas de Erceldune, guardado na Bibliotheca dos Advogados de Edimburgo, foi publicado em 1804 por Walter Scott. Acha-se tambem incompleto, por se terem rasgado as ultimas folhas; resta até á—aventura em que lhe pediu soccorro um cavalleiro que tem nome egual ao seu, por lhe terem os salteadores roubado a sua dama. Tristão corre á floresta onde os ladrões se escondem, e quinze cavalleiros desfecham contra elle os seus dardos, abrindo de novo as suas feridas... Até aqui chega o manuscripto. Walter Scott appensou-lhe o final

de Ulrich de Triheim. No poema de Thomas, o apaixonado tem em dada situação o nome de *Tantrys,* que será uma abreviação de Tanistry, como exprimindo a cathegoria de ser sobrinho do rei e seu herdeiro.

Depois d'estes exames das Epopêas do Amôr, recapitulamos as suas relações desde a fonte d'onde derivam:

CHRÉTIEN DE TROYES

Beroul — Thomas de Erceldune

Eilhart d'Olbeg — Gottfried de Strasburg

(Ms. 103 da Bibl. de Paris)

ROMANCES EM PROSA

III

O TRISTÃO PORTUGUEZ

Como veiu a predominar em Portugal a corrente das Tradições britonicas em vez das Gestas frankes, prevalecendo mesmo sobre o lyrismo trobadoresco pelo enthuziasmo das prestigiosas Novellas da Tavola Redonda? Explicam-o em primeiro logar os grandes movimentos da sociedade europêa que as Cruzadas produziram, e as relações intimas com as côrtes em que a melhor parte do seu explendor era sustentado pelos poemas dos menestreis e poetas anglo-normandos. Portugal tornara-se um centro excepcional, pelo reflexo de todas esssas correntes poeticas em que se estavam elaborando as Litteraturas vulgares novo-latina. Accentuam este quadro surprehendente Helfferick e Decleimont, no

seu estudo *Les Communes françaises en Espagne et en Portugal:* «A invasão das ideias estrangeiras na peninsula foi o resultado, facil de comprehender, de uma epoca de perturbação e de mal estar geral, durante o qual a agitação produzida pelas Cruzadas, attrahiu incessantemente a Cavalleria para a Hespanha. Portugal foi o territorio neutro em que se mesclaram povos e linguas diversas e os escriptores contemporaneos descreviam a situação da Peninsula como desesperada... Todos estes elementos que se conflagravam em desordem, mas continham grandes forças vitaes, que para se condensarem esperavam uma occasião favoravel. Lisboa estava ainda em poder dos Mouros, e D. Affonso Henriques resolveu expulsal-os. Para este fim preparou uma expedição, cujo exito foi em grande parte auxiliado pelo soccorro inesperado advindo a tempo. Uma esquadra commandada pelo Conde de Aerschot aportou ao Tejo, desembarcando um grande numero de francezes e inglezes. Era uma parte da Segunda Cruzada, para a qual se tinham feito grandes preparativos. Effectivamente, emquanto sob o commando de Luiz VII, os

francezes, e sob o commando do Imperador Conrado os allemães se dirigiam para a Syria e que os Saxões marchavam contra os Slavos da Pomerania e da Prussia, com tropa de Cruzados reunidos entre o Weser e o Baixo Rheno e augmentada por um corpo consideravel de Flamengos e Inglezes fez-se á vela para as costas de Portugal. Graças a este refôrço, D. Affonso Henriques, depois de um lento e penivel assedio, quebrantou a resistencia dos Mouros e apoderou-se de Lisboa. Foi o unico successo de uma Cruzada que custou á Europa a flôr da sua Cavalleria, d'onde o golpe fatal no Feudalismo, que os Legistas do tempo aproveitaram e de que não mais se levantou.» (p. 44.) Entre os Cruzados que resolveram fixar-se em Portugal, occupando terras que o rei lhes doôu, apontam as Chronicas senhores de Cornwalle, (Condado de Galles) que nos approximaram das fontes poeticas anglo-normandas: «e os que ficaram em Villa Franca, que primeiro foi chamada *Cornaga,* e lhe foi este nome posto, porque aquelles que a povoaram eram *Emgrezes de Cornoalha* e chamaram-na de seu nome e de sua terra...» *(Ineditos da*

Hist. port. t. V, p. 38) Guilherme *La Corne,* Déscorne, ou de Lacorne, fundaram a Colonia de Athouguia. Nas Chronicas Breves de Santa Cruz de Coimbra memorando a conquista de Lisboa citam-se os «Cavalleiros *flamengos* e Guilherme de Li Conce e trouxeram suas linhagens e seus haveres e pooboaram seus logares...» No Cancioneiro da Vaticana, a Canção 1161 é uma sirveate contra Martim de Licorne. D. Affonso Henriques soube aproveitar esse accidente imprevisto; á bahia de Biscaya tinha sido arrojada a frota que partira de Darmouth para a Siria, cmo o *Navalis Dei Exercitus,* composta de Cavalleiros inglezes, flamengos e lorenos. Constava de duzentos baixeis; D. Affonso Henriques sabia que o papa Calixto II equiparava a Cruzada em Hespanha á da Palestina, e enviou aos cruzados que arribaram a Lisboa o Bispo do Porto que os convenceu a auxilial-o na conquista de Lisboa; e depois de ter nomeado Bispo da capital conquistado D. Giberto, natural de Hastings, mandou-o em missão diplomatica a Inglaterra a pedir a Henrique II, o Platagenata, permissão de ahi pregar uma Cruzada em favor de Portugal.

Henrique II manteve relações intimas com D. Affonso Henriques, e foi elle que preparou o casamento de D. Thereza Mafalda, sua filha, com Filippe de Alsacia, Conde de Flandres. Foi n'esta côrte que a princeza portugueza exerceu um fecundo influxo na actividade poetica dos menestreis anglo-normandos e flamengos. O chronista Brandão refere que D. Thereza Mafalda mantinha um estado sumptuoso, como senhora das Villas de Montemór e de Ourem, rodeada de damas fidalgas, que liberalmente tratatava nos seus casamentos; tinha o tratamento de *Rainha,* por ser então costume das côrtes de Hespanha e de França, dar esse titulo ás filhas legitimas dos reis. Celebrou-se o casamento com Filippe de Alsacia depois do seu regresso da Palestina, passados seis annos. No Porto se fizeram as festas nupciaes, sendo entregue aos Embaixadores do Conde de Flandres, que a recebeu solemnemente em Bruges em 1184. Pelos habitos de sumptuosidade continuou na côrte de Flandes a ser tratada como rainha, creando em volta de si um fóco de cultura poetica, em que brilhava o grande poeta Chrétien de Troyes.

Os chronistas medievaes não esqueceram o influxo d'esta princeza, a quem tratam pelo epitheto da *Puella de Portugal.* Muitos dos Cavalleiros da côrte de Henrique II, que passaram por Portugal, conheceram-a quando frequentaram as festas palacianas em que D. Thereza Mafalda tanto os deslumbrava. O Conde de Sabugosa descrevendo um serão na côrte de D. Sancho I, allude a esta figura feminina: «A alguns d'estes serãos assistiu tambem, talvez, Filippe de Alsacia, Conde de Flandres, principe, poeta, valente soldado e desvelado protector dos troveiros, o qual descendo da romagem de San Thiago de Compostella, na sua volta da Palestina, se apaixonou pela linda Thereza Mafalda, a *Puella de Portugal,* com quem mais tarde veiu a casar em Bruges pomposamente.» *(Damas de tempos idos,* p. 58.) Ao fim de seis annos de casado, Filippe de Alsacia abalado pelo tremendo desastre da pêrda de Jerusalem, partiu na Cruzada para a Palestina, onde faleceu em 1191. Como não deixou herdeiro do Condado de Flandres, veiu elle a pertencer a Joanna de Flandres, filha do Conde Balduino, primeiro imperador latino

de Constantinopla. D. Thereza Mafalda que soubera resistir á expulsão de Gand por Filippe de França, fez o casamento de seu sobrinho Fernando de Portugal com Joanna de Flandres, vivendo as duas damas illustres na mais affectuosa intimidade, exercendo ambas uma maravilhosa influencia n'essa floração poetica dos poemas amorosos dos fins do seculo XII para o XIII, do Cyclo da Tavola Redonda, do Santo Graal e de Rome la Grant e da Historia de Troya. Na Côrte normanda de Henrique II refloriam as tradições poeticas britonicas vindas do pequeno Paiz de Galles; na Côrte de Flandres encantavam as tradições orientaes vindas na corrente byzantina, que trouxe á Europa occidental todos os themas dos Contos que fôram litterariamente elaborados pelos Novellistas francezes e italianos. Ainda no seculo XVI o Marechal de La Noue, mostrando-se implacavel contra as Novellas, lembrava-se precisamente da época da sua esplendida floração, em que se idealisaram «*Lancelot do Lago, Perceforest, Tristão* e *Giron le Courtois*, e tantas outras antigas fabulas que alimentaram durante quinhentos annos o espirito de nos-

sos paes, até que a nossa lingua mais pulida e o nosso gosto mais delicado chegaram a inventar alguma novidade para nos agradar. Foi então que appareceu o livro de *Amadis*... Foi *sob Henrique II, que estas fabulas tiveram maior predominio;* e creio que se alguem tentasse menospresal-as teria sido apupado, porque ellas eram a distincção e a vida de um grande numero de pessoas: de as terem lido, muitos quizeram imital-as.» *(Discours politiques et milit.,* t. IV, p. 87.) A eleição de Henrique II para o throno de Inglaterra acordou as *esperanças britonicas;* foi o fóco d'essa revivescencia o Paiz de Galles, do qual diz Walter Scott: «O pequeno reino de Cornoailles foi um dos ultimos sitios de refugio dos Bretões originarios, para lá dos limites do que actualmente forma o Paiz de Galles.» É então que se espalham os Lais bretãos lyricos e narrativos, e em que as melodias populares pelos sons finaes eram denominadas *tempradura de Bretanha,* em que primavam os menestreis normandos. Por 1170 já na côrte de Affonso II de Aragão citava Geraldo Cahim a *tempradura de Bretanha,* os poemas de *Erec, Tristan e Yseult, Gau-*

vain e *Lancelot*. Em uma Canção de Ponce de Cabreira fustigando o jogral Cabra, aponta todos os cantares e narrativas que andavam na moda: «Mal sabes tocar viola e peior cantar de principio a fim, e não sabes terminar com a cadencia usada pelos cantores bretãos:

Mal sabes viular
E pierz chantar
Del cap tra en la finizon,
Nen sabes finir
Al mien alhir
A la tempradura de Bretanha.

N'esta longa satira increpa o jogral por ignorar as Cantigas ou Lais de *Flores e Brancaflor;*

Ni *de Tristan*
C'amava Yceut a lairan,
Ni de *Gauvaing*...

Por esta referencia de 1170 se infere que o thema de *Tristan* já se achava envolvido com os personagens da Tavola Redonda, syncretismo que se realisa desde 1155, em que Raimbaud d'Orange allude ainda isoladamente a *Tristão,* reunido por Robert Wace ao *Roman de Brut,* n'essa data. As relações da côrte portugueza com a de Aragão pelos ca-

samentos regios facilitaram o conhecimento d'estes poemas de amor, vulgarisando-se os mais encantadores episodios.

D. Sancho I, casa com Dulce de Aragão, e sua irmã Mafalda, falecida prematuramente chegara a celebrar esponsaes com Raymundo Beranger, de Aragão. D. Affonso II casa com D. Urraca, de Castella, filha de Leonor de Inglaterra que era filha de Henrique II e de Leonor de Poitiers, que tanto alentaram esta floração poetica da Tavola Redonda na sua vibração amorosa. O casamento de D. Diniz com Isabel de Aragão, filha de D. Pedro III, cunhado de Leonor de Inglaterra, veiu accentuar na eschola trobadoresca do lyrismo subjectivo a intercorrencia das melodias britonicas e a fascinação dos poemas de amor de *Tristão e Yseult* e de *Flores e Brancaflor*. Os desvairados amores do rei trovador por varias damas contrastava com a praxe do culto exclusivo e absoluto da *maneira de proençal*. Na Canção 115 confessava o rei D. Diniz:

Qual maior posso e o mais encobento
que povs' e ssey de *Brancafrol*
que lhe não houve em *Flores* tal amor
qual vos eu ey . . .

Qual mayor poss'e o mais namorado
Tristã, sey bem que nom amou *Oseu*
Quanto eu vos amo, esto certo sey.

Seguindo a predilecção do monarcha, o trovador João de Guilhade, tambem repetia (Canção 368):

Os grandes vossos amores
que mi e vós sempre houvemos,
nunca lhi cima fizemos
como a *Brancafrol e Flores.*

Tambem a paixão de Merlin o velho propheta britonico por Viviana, é tomada por exemplo pelo fidalgo Estevam da Guarda:

Como aveu a *Merlin* de morrer
per seu gran saber que el foy mostrar
a tal molher que el nom soube enganar.

A vinda á côrte portugueza de D. Pedro de Aragão, irmão bastardo da Rainha, que compunha e cantava Lais, veiu acirrar o gosto pelos *Cantares de Carnoailha;* assim moteja Gonçalo Eanes de Vinhal (Canç. 1007) do jogral que não sahia essa *tempradura:*

Mestre, todolos vossos cantares
já que filhon d'nn a razon

e outros i ar filhom a mi son,
e nom seguades estes melhores,
se non *aqueste de Cornoalha,*
mays este seguides ben sen falha
e non vi trobar por tantos logares.

A *Matière de Bretagne* apoderou-se da imaginação portugueza. O Conde de Barcellos tinha conhecimento directo da *Historia Britonium* de Geoffrey de Monmuth, tomando d'ella resumos para o preambulo historico do seu *Livro das Linhagens*. O imitador inglez, padre Layamon de Ernley, do *Roman de Brut* (1) chegou a ser tomado como fonte historica por Frei Bernardo de Brito, auctorisando-se com *Laymundo*. De 1220 é a transformação em prosa de *Lancelot,* novella que teve a sua primeira redacção poetica por Chrétien de Troyes no *Chevalier de la Charrete;* d'ahi até meado do seculo XIV, segue-se o fervoroso trabalho da prosificação d'essas Epopêas de Amôr em Novellas, sempre ampliadas para satisfazer a anciedade do ouvir e lêr essas aventuras. Esses themas dos amores illicitos e criminosos não podiam agradar á rainha D. Isabel, que perdoava os erotismos

(1) Joly, *Benoit de Sainte Moie*, vol. I, p. 82.

do esposo; o Infante Dom Affonso de Portugal, irmão insubmisso de D. Diniz, influiu na elaboração de uma Novella amorosa por João Lobeira, o *Amadis de Gaula,* que pela candura da sua paixão pela princeza Oriana, contrastava com a desenvoltura de *Tristão e Yseult.* Parece que obedecia a uma delicada influencia para dominar o effeito do *Livro de Tristão,* que então se redigia em prosa portugueza, cuja vulgarisação é accusada pelo protesto do Arcipreste de Hita, de 1342, e na *Chronica de Alfonso Onceno,* de Rodrigo Eanes, celebrando a victoria do Salado em 1350. Á influencia d'esse *Livro de Tristão,* que se guardou na Bibliotheca do Rei Dom Duarte, se poderá mesmo attribuir o delirio amoroso do rei D. Pedro, quando principe, por sua prima D. Inez de Castro, entre o rei D. Fernando e sua irmã consanguinea D. Beatriz, os amores de D. Pedro. Niño, e a desgraçada catastrophe de Fernando Affonso por amar D. Brites de Castro a sobrinha neta da misera e mesquinha.

O *Livro de Tristão,* segundo o estylo d'esta novella amorosa, era intercalado de cantos lyricos ou Lais; o proprio Lobeira se-

guiu esse gosto, restando ainda duas peças na deturpação deploravel da paraphrase castelhana de Ordoñez de Montalvo. No Cancioneiro Colocci-Brancuti, foram colligidos cinco d'esses Lais, ainda com rubricas explicativas de situações novellescas, que não se encontram nos numerosos manuscriptos das Novellas de Tristão que se guardam na Bibliotheca nacional de Paris. Duas folhas se acharam d'esse *Livro de Tristão*. «É do principio do seculo XIV o fragmento do *Tristão* em prosa, achado por Monaci em um Codice da Bibliotheca do Vaticano, e publicado em folha avulsa. Outro fragmento foi achado por Bonilla na Bibliotheca de Madrid nas guardas de um manuscripto d'essa epoca, mas aproximado do texto impresso de 1528.» (Menendez y Palayo). Do *Lai das quatro Donzelas,* cantando a libertação do Tributo por Tristão, não achou D. Carolina Michaelis paradigmas nas Novellas francezas, por que eram apenas *emenées en servage;* mas acha-se em um Canto do *Mabinogim* resumido por Villemarqué: «Conclue-se sem violencia, que existiu um *Tristão* em portuguez no principio do seculo XIV; comprava-o a existencia de uma outra

bailada no gosto do *estavillar* asturiano, em que se celebra a libertação do Tributo de Donzellas que os estados christãos pagavam a *Mauregato* (Morhout) sobre que se fez a lenda genealogica do *Peito Burdelo* e se fundamentou o censo pago sob titulo de *Votos* de Santhiago. Apparece esta lenda — no seculo XIII, em Lucas de Tuy e no Arcebispo D. Rodrigo Ximenez; a data dá-nos a corrente tradicional em que estavam no maior prestigio as aventuras de *Tristão*. Facil foi dar-lhe á sua popularidade o sentido religioso para a Egreja exigir a prestação dos *Votos de Santhiago,* que na batalha de Clavijo apparecera em um cavallo branco libertando os estados christãos do criminoso Tributo do Mauregato. É a bem conhecida *Canção do Figueiral.* » (Recapitulação, I, p. 277.)

Do quinto Lai, colligido no Cancioneiro Colocci-Brancuti, observa D. Carolina Michaelis: « Tambem d'esta vez a redacção franceza falta na novella de *Tristão* comquanto as scenas todas e os factos a que a rubrica allude occorram em alguma das versões cyclicas. » Esses Lais foram incorporados no *Cancioneiro* lyrico tirados da Novella portugueza,

como se procedera com a cançoneta de João Lobeira inclusa no *Amadis de Gaula*. E a redacção portugueza do *Livro de Tristão* não é um facto isolado; a feição portugueza revela-se bem nas modificações da Novella de *Lancelot* com o nascimento de *Galaaz*, o cavalleiro parthenio que o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira tomara como typo de imitação. Ao tempo em que se guardava a Novella de *Tristão* entre os Livros de uso do rei D. Duarte, os personagens d'essas aventuras eram tão queridos que na vida civil os seus nomes tornaram-se frequentes na aristocracia portugueza. (1) *O Livro de Tristão* não é pois

1 Mas na vida civil, na circulação dos interesses quotidianos assombra-nos o vêrmos como a sociedade portugueza do tempo de D. João I viveu embalada pelas aventuras novellescas. Os nomes dos heroes e damas das Novellas são os que se usavam na aristocracia, como ainda em nossos dias os *Oscar* e *Malvena* dos nevoeiros de Ossian. A cada passo nos Nobiliarios encontramos o nome de *Yseult*.

«Uma filha do primeiro capitão denotario da Ilha da Madeira, Bartholomeu Perestrello, chamava-se *D. Yseu* Perestrello de Mendonça. Outra dama não menos celebrada, chamava-se *D. Yseu* Pacheco de Lima. O nome de *Briolanja* (Brengiene) tão popularisado no *Amadis*, era privativo das damas da mais alta aristocracia portugueza, — os nomes das damas de poemas bretões *Genebra* (Gveniwar) *Viviana* (hoje *Bibiana*) são egualmente frequentes...

« Nos nomes de homem encontra-se o mesmo pensamento

facto isolado; todas as novellas da Tavola Redonda tiveram uma prosificação portugueza como a *Demanda do Santo Graal, Galaaz* (continuação de *Lancelot) Josep Ab Arimathia, Baladro de Merlin.* E como no campo de Folk-Lore portuguez se podiam encontrar as mais emocionantes aventuras dos amores de Tristão e Yseult, se ellas não tivessem sido vulgarisadas pela leitura e audição da prosa novellesca? Se pela aproximação dos textos de *Tristão* de Béroul, de Thomas d'Erceldune e de Gottfried de Strasburg se consegue recompôr o thema poetico do poema perdido de Chrétien de Troyes, pelos romances do Folk-Lore portuguez, que se aproximam dos cantares da Armorica, completa-se todo o quadro estructural do maravilhoso poema.

Os criticos reconheceram que muitos epi-

da imitação novellesca e da galanteria. Um dos descobridores da ilha da Madeira chama-se *Tristão* Teixeira, — assim comumente o *Tristão* em honra de sua singular cavalleria e nobreza » (Cord., *Hist. insul.*, p. 71 e 80.) No Cancioneiro geral figuram os poetas *Tristão* da Silva, *Tristão* Fogaça, e ainda *Tristão* da Cunha é o heroe que leva a embaixada a Leão X. Até *Lançarote (Lancelot) Lisuarte, Arthur, Sagramor, Percival* continuaram-se ao meado do seculo XVI.

sodios dos contos populares da tradição universal foram artisticamente incorporados no poema de *Tristão;* por seu turno das varias elaborações d'esse thema, os quadros mais impressionantes fixaram-se na imaginação do vulgo, independentes de plano ou ideia de conjuncto. Esta mutua relação põe em evidencia o processo genetico das grandes obras de arte; desvenda o mysterio do *anonymo,* e define a *originalidade* do genio individual.

No Romanceiro popular portuguez existem cantares, verdadeiros episodios dos amores de *Tristão,* uns alterados pelas designações onomasticas, outros confundidos com episodios carlingios; dispondo-os segundo o plano estructural que resulta do exame comparativo dos poemas litterarios e novellas em prosa do *Tristão,* esses Romances populares formam um surprehendente poema anonymo, de uma belleza incomparavel e da emoção mais viva. Bastam simples rúbricas explicativas de cada situação, para reconhecer-se o seu logico encadeamento de uma implicita verdade. É o processo applicado pelos *Diorthuntes* aos poemas homericos, dando aos

quadros rhapsodicos a preestabelecida *unidade* da acção épica.

Pela epoca do apparecimento do *Tristão* de Chrétien de Troyes, e relações do poeta com a côrte da *Puella de Portugal,* pela redacção portugueza da fórma novellesca do *Livro de Tristão* é explicavel o encontrarem-se nos romances populares portuguezes as situações ignoradas do poema perdido de Chrétien de Troyes. O comêço do poema, sobre o nascimento de Tristão, perdido tanto nos de Chrétien, Thomas e Béroul, subsiste nos romances populares portuguezes; confirma-o a imitação feita por Gottfried de Strasburgo. O nome do pae de Tristão, segundo as *Triadas* é *Tallwch,* a que se aproxima o nome de Mont-Tallwar. A *dura Lei da Escossia* é incomprehensivel em um paiz latino, que a conserva sem realidade nos seus cantos populares, sem já ter nos costumes a prova do *ferro caldo.* Do meio do poema conservou-se a lenda do *Tributo das Donzellas,* em um lai narrativo peculiar de uma dansa agonistica, que por ventura se salvou por, depois de intercalado na prosa novellesca, ser cantado em melopêa popular (Cancioneiro do

Conde de Marialva, d'onde o extrahiu Soriano Fuertes). O final do poema, que além do prototypo, falta tambem no de Thomas e no de Gottfried de Strasburgo, é dos mais bellos romances populares portuguezes; subsiste pelos elementos complexos da sua origem tradicional d'onde naturalmente os colhera Henrich de Friburgo. Tambem o encontro das duas Yseult é simultaneo nos romances populares portuguezes e na elaboração litteraria de Ulrich Triheim. No *Tristão* de Erceldune o heroe tem um combate singular com o gigante Urgan, que pretendia roubar Brancaflor, e ao primeiro assalto *decepa-lhe uma mão;* assim no romance popular do Algarve acontece o mesmo ao Mouro *(Morhout)* que guardava a Donzella. Esta relação entre o poema escossez do seculo XII e o romance do folk-lore algarvio, proveiu de um fundo commum universalisado. N'estas condições só estava o poema de Chrétien de Troyes. O prestigio da *herva fadada,* do romance popular é ahi explicado pela agua fria bebida na madrugada de San João, uma poderosa *boivre d'amour* do Philtro que enlouqueceu Tristão. Muitos elementos da tradição britonica

se conservaram e se conservam ainda entre o povo portuguez, como a lenda das *Ilhas Encantadas* ou *Ilhas empoadas,* das prophecias de *Merlin* (reelaboradas pelo Bandarra), as *esperanças sebasticas* e as viagens maravilhosas de San Brendan.

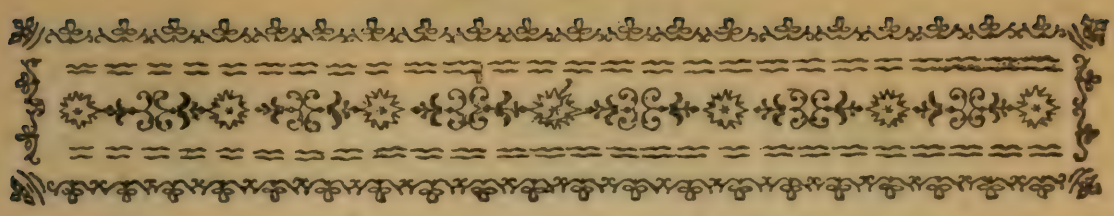
O thema de *Tristão* atravessou a phase lyrica dos Lais anglo-normandos e dos Poemas litterarios francezes, inglezes e allemães, até esgotar-se nas ampliações da prosa das Novellas; em todos estes meios se encontram fórmas de que deixou vestigios. Os Lais do Cancioneiro Colocci-Brancuti são no poema oral de *Tristão o Enamorado* o vestigio d'essa phase lyrica; como a Canção *bailada* do *Figueiral,* representam a nova transformação novellesca, de que tambem as cançonetas *Irme quero, madre,* e as italianas são os ultimos eccos d'essa profunda Epopêa de *l'Amourous de Bretagne,* que veiu sublimar-se na fidelidade, no sentimento puro, ingenuo e inquebrantavel do *Amadis de Gaula,* e na realidade pathetica ainda idealisada de D. Inez de Castro.

THEOPHILO BRAGA.

TRISTÃO O ENAMORADO

CANTILENA I

A DURA LEI DA ESCOSSIA



Conde Claros faz a apósta de dormir uma noite com Claralinda, e inventa um estratagema feliz.

APOSTADO tenho, madre,
Minhas armas, meu punhal,
De dormir com Claralinda,
A flôr do Paço real;
E vou ainda hoje enganal-a,
Antes do gallo cantar.
«Não apostes, não, meu filho,
Que não poderás ganhar;
Claralinda é sincera,
É custosa de enganar.
—Do modo que heide enganal-a
Ninguem o hade julgar:
Heide-me vestir de dama
E no jardim passear.

O

—Oh que tão linda donzella
No jardim a passear!
«Sou uma tecedeirinha
Da banda d'além do mar;

Tenho a teia urdida,
Fiado venho buscar.
—Esse fiado, senhora,
Ainda está por dobar.
«Avie-se lá, senhora,
Depressa, não de vagar,
É de noite, faz escuro,
Tenho muito para andar.
—Ainda tenho meus creados
Para comsigo mandar.
«Seus creados não os quero,
Que me podem diffamar;
Avie-se lá, senhora,
Depressa, não de vagar.
—Ainda tenho minhas camas
Para se ir lá deitar.
«N'esse logar não as quero,
Que me podem diffamar;
Avie-se lá, senhora,
Tenho muito para andar.
—Ainda tenho creadas
Para comsigo deitar.
«Com as creadas não quero,
Que me podem diffamar;
Que tem os seus conversados,
Que as vão lá visitar.
—Tenho a minha sobrinha
Para comsigo deitar.
«Com essa mesma, senhora,
Com essa heide acceitar,

Que ella é menina donzella,
Não me podem diffamar.

Estavam sentados á meza,
Cada um em seu logar;
Dizia a tecedeirinha:

«Menina, toca a deitar.

Lá por essa noite adeante
Claralinda quiz gritar:

—O ladrão da tecedeira,
Em varão se quiz tornar!
«Oh Claralinda, não grites,
Não te queiras diffamar,
Que eu sou mocito solteiro
E comtigo heide casar.
—Eu te peço, cavalleiro,
Não te vás d'isto gabar.
«Pela cruz da minha espada,
Aqui me atrevo a jurar;
Fia-te n'esta palavra
De Dom Claros d'Além-mar.

Conde Claros vae gabar-se ao jogo do exito da sua aventura; pelas allusões conhecem que era Claralinda.

—Claralinda, Claralinda,
A flôr do Paço real,

Oh quem te vira em meus braços
Tres horas ao meu mandar.
«Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.
—Usança de máos villãos
Nunca a eu soubera usar.
Com esta espada me talhem
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me fôr gabar.

Inda bem manhã não era,
Já na praça a passear;
Aos manos de Claralinda
Se foi de braço travar:

—Esta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tão fina,
Que nunca vi tal saltar;
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar.

Disseram uns para os outros:

=Bom modo de se gabar!

Responde agora o mais môço,
Discreto no seu pensar:

—Não vêdes que é Claralinda
Quem o traidor quer diffamar?

Fôram os tres para um canto,
Puzeram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:

=Vamol-o nós a matar.

E o mais môço respondia:

—Vamol-a nós a casar?

=Sim! e o dote que ella tem
Nós o temos de pagar.

Vão ao quarto de Claralinda,
A flôr do Paço real:

=As barbas de Elrei teu pae,
Que bem lh'as soubeste honrar!
«As barbas de Elrei, meu pae
Tratae vós de as honrar,
Pagando-me já o meu dote,
Só então me vou casar.

O Rei conheceu que sua irmã Claralinda está gravida, e tem de submetel-a á dura Lei da Escossia.

Á porta de Claralinda
Corre um canno de agua clara,

A mulher que d'ella bebe
Logo se sente pejada;
Claralinda bebeu d'ella,
Em uma hora malfadada.

—O que é isso Claralinda,
Que me pareces pejada!
«Não é, não, real senhor,
Sim, a saia mal rodada;
De mal vestida que foi,
Me ficou alevantada.
—Como a falta é só da saia,
Que seja logo queimada;
Recolhe-te, tu, Claralinda,
Recolhe-te á tua sala;
Nunca mais tu me appareças
Com saia tão mal talhada.
«A culpa é dos alfaiates
Que talharam mal a saia.

Chamaram-se os alfaiates
Á sua sala fechada;
Olharam uns para os outros:

—«Esta saia não tem nada;
Ao cabo de nove mezes
Ella será abaixada.

—Que tens tu, oh mana minha?
Diria que estás prenhada!

«Tal não digaes, rei senhor,
É que me sinto inchada
Das aguas da fonte fria,
Bebidas de madrugada.

—Vem cá tu, physico meu,
De tamanha nomeada,
Claralinda tem maleitas,
Quero que fique curada.
—«Senhor, maleitas não são,
Aqui não ha fazer nada;
As maleitas da princeza
É que a véjo prenhada.

Quando ella isto soube,
Ficou sua alma passada:

«Triste, mesquinha de mim,
Mesquinha de mim, coitada!
Sendo eu môça donzella,
Vêr-me assim diffamada:
—Infanta, que tal fizestes,
Ides por Lei ser queimada,
Em sete carros de lenha,
Fogueira bem atiçada.
«Sem conhecer homem nunca,
Vou a morrer diffamada!
Dê-me Elrei um confessor,
Desejava ir confessada.

Chamou-se a um santo frade,
Que passava na estrada:

—Ajoelhae, dona Infanta,
Vossa hora é chegada.
Quanto tempo ha, senhora,
Vos achaes embaraçada?
«Os nove mezes faz hoje,
Alli n'aquella ramada
Pela noite de Natal,
Adormeci tresnoitada
Sobre umas verdes ervas,
Na minha horta deitada.
E sonhei tão novos sonhos,
Tanta cousa namorada,
Que de acordar deu-me pena,
Vinha já a madrugada.

O bom frade a absolveu,
E foi fallar ao monarcha:

—Más artes são do demonio,
Ser donzella e estar pejada.
Ha na horta da Infanta
Uma erva encantada;
A mulher que cheirar d'ella
Logo ficará prenhada.

Mensagem de Claralinda ao Conde Claros para que a venha salvar.—O rapto da princeza.

Feitiços ou aguas frias,
Claralinda está pejada;
Pela dura Lei da Escossia
Claralinda vae a queimar.
Todos os primos e primas
Lá a fôram visitar.

«Todos meus primos e primas
Aqui me vêm visitar;
Só não ha um primo d'alma
Que se dôa do meu mal,
Que me vá levar uma carta
A Dom Claros de Além-mar.

Respondera-lhe o mais môço,
O mais môço que alli estava:

—Oh prima, apronte a carta,
Quero-vôl-a ir levar;
Se a jornada é de dez dias,
N'uma hora a quero andar.
«Vae-me levar esta carta
A Dom Claros de Além-mar.
Se o achares deitado
Deixa-o bem levantar;
Se o achares jantando,
Deixa-o bem acabar;

Se o achares passeando,
Vae-lh'a logo entregar.

Chegou em tão bôa hora,
Que estava á meza a jantar;
Arrojaram-se cadeiras
Para o senhor se assentar.

—Novas vos trago, Dom Claros,
Novas de muito pesar:
A sua amada menina
Elrei a manda queimar.
«Não se me dá que a queimem,
Nem que a vão já queimar;
Dá-se-me só do seu ventre,
Que leva sangue real.

Respondeu a sua mãe,
A sua mãe, que alli estava:

«Se isso tem algum remedio
Filho, trata de lh'o dar.
—Eu não lhe sinto remedio;
Que remedio lhe heide dar?
«Despe o vestido de seda,
Veste o habito saial;
Dize que és um clerigo
Que a queres ir confessar.

Começou a lêr a carta,
Dom Claros põe-se a chorar:

—Ala! ala! meus creados,
Os cavallos vão ferrar,
Com ferraduras de bronze,
Qu'é para assim se não gastar.
É jornada de oito dias,
Que esta noite se hade andar.

Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar.

—Por quem dobra aquelle sino,
Por quem está a dobrar?
«É a Infanta Claralinda,
Que se está a agonisar;
Hontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.

Elle foi a um barbeiro,
A cara mandou rapar;
Logo foi a um convento
Um habito foi comprar;
Vestiu-se em trajo de frade,
E se poz a caminhar.
Lá no meio do caminho
A Justiça viu andar;
Quando chegou ao pé d'ella
Então já a iam queimar.

—Quéde! quéde, essa Justiça,
Senão a farei quedar!

A menina que ahi levam
Ainda vae por confessar.
«Confesse-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar.
—A confissão é de um anno,
Ella hade demorar.

Deixaram-a ao bom frade
Para a Infanta confessar;
Mal se viu elle com ella
De amores lhe foi fallar:

—«Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar:
Diga-me, minha menina,
Porque vae a queimar?
«Porque dormi uma noite
Com Dom Claros de Além-mar.
—«No primeiro mandamento,
Um beijinho me hade dar.
«Não permitta Deus do céo
Nem os santos do altar,
Onde Dom Claros poz bocca
Não hade um frade beijar.
—«Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar,
Se teve amores com clerigo
Ou com frade, mal pesar?
«Não tive amores com clerigo
Nem frade de mal pesar;

Tive amores com Dom Claros,
Por quem eu vou a queimar.
—«No segundo mandamento,
Um abraço me hade dar.
«Vae-te, na má hora! frade,
Que a mim não hasde chegar;
Que a mim nunca chegou homem,
Só Dom Claros de Alem-mar,
Que por meus grandes peccados
Por elle vou a queimar.

Dom Claros, que tal ouvia,
Não podia o riso occultar.

«Pelo sorriso que daes,
Sois Dom Claros de Alem-mar?!
—Pois Dom Claros sou eu mesmo,
Que te venho libertar.
Trapos de frade eu vesti
P'ra da morte te livrar.
Já está tecida a teia,
Vamol-a agora a curar.

Tomou-a logo nos braços,
Puzeram-se a caminhar;
Estando perto o convento,
Seu cavallo a esperar;
Chegava, que não chegava,
A Justiça de bradar:

—«Senhor padre, deixe a môça,
Que Elrei a manda queimar.
—Pois vão dizer a Elrei
Que a venha d'aqui tirar.
Nas ancas do meu cavallo,
Menina, presto, montar.
Vae na minha companhia
Para com ella casar;
Que ámanhã por estas horas
Na egreja havemos de estar.

Vão a unhas de cavallo,
Vão a todo o desfilar.

«Espera por mim, Justiça,
Bem te fartes de esperar;
Que Dom Claros cá me leva
Para commigo casar;
E agora que me prendam
Na sola do calcanhar.

Conde Claros vivendo no seu castello com Claralinda, vae dar parte do casamento a sua prima Juliana:

De uma priminha mui bella
Dom Claros se namorara;
Apanhando-se servido
Ousou logo de ausentar-se,

Em procura de princeza
Para com ella casar.
Juliana d'isto soube,
Pegou logo a chorar.

A mãe lhe perguntou:

—O que é que te faz chorar?
«É Dom Claros, minha mãe,
Que com outra vae casar.
—Bem te disse eu, minha filha,
Que em homens não te fiasses,
Pois não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

—Deus te salve, Juliana,
No teu estrado assentada.
«Deus te salve, Conde Claros,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, caro primo,
Que estavas para casar?
—É verdade, Juliana;
Venho-te desenganar.
«Conde Claros, se casaes
Tornae ao bem querer,
Podereis enviuvar
E tornar ao meu poder.
—Eu ainda que enviuve
E que torne a enviuvar,
Acho mais facil morrer
Do que comtigo casar.

«Apéa-te, oh cavalleiro,
Vamos d'ahi merendar.
—Tu que tens, oh Juliana,
Guardado para me dar?
«Tenho vinho de ha sete annos
Guardado para lhe dar.
—Eu não sei, oh Juliana,
Se será muito guardar...
Dê-me cá um cópo d'elle
Que o quererei provar.
Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade,
Olhe que sômos parentes,
Prima minha, da minha alma.
«Juro-lhe, por minha mãe,
Pelo Deus que me criou,
Que Dom Claros não logra
Esse seu novo amor.
—Que deitaste, Juliana,
N'este meu cópo de vinho?
Estou com as rédeas na mão,
Não conheço o meu caminho.
«Eu deitei-lhe rosalgar,
E pós de lagarto moido.
—Oh, o meu filho sem ter pae,
Minha mulher sem marido!
A minha mãe bem cuidava
Que tinha um filho vivo!
«A minha tambem cuidava
Que tu casavas commigo.

—Valha-me Deus do céo,
Que estou com uma grande dôr,
A maior pena que levo
É não vêr o meu amor.

Conde Claros voltando da caça, doente, falece emquanto sua esposa está de parto, sem saberem um do outro.

Tristes novas são chegadas
Lá das bandas da Bretanha,
Que está doente Dom Claros,
Doente por uma dama.
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada;
Que se alguem lhe desse vida
Teria paga avultada.

Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:

—«Tres horas tendes de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento,
Deixae a alma encommendada.
A outra é do sacramento,
Que inda é mais bem empregada.

Na terceira as despedidas
Da sua dama adorada.

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:

«Que tens tu, filho querido,
D'esta alma amargurada?
—Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que esta vida está acabada.
Só com tres horas de vida,
E uma é já meia passada.
Uma é para satisfazer
Para bem da minha alma,
Outra p'ra me despedir
Da minha querida amada.
Oh, que se eu chego a erguer-me,
Minha rica namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Com bençãos de um Arcebispo
E de agua benta regada,
Com a estola da santa egreja
Ao meu coração atada.
«Filho das minhas entranhas,
N'esta hora minguada,
Lembra-te de quanto deves
A uma senhora honrada.
«Minha mãe, que devo, devo,
E Deus me não peça nada:

Claralinda, que em má hora
Por mim fica diffamada.
Se me erguer d'esta cama,
Minha roseira abanada,
Hade ser em tumba de ouro,
Em alcatifa dourada.
Chamem-me a Claralinda,
Emquanto se a hora acaba;
Que fique esta mão já fria
Na sua mão adorada,
Que lhe não chamem viuva
Sem ter sido ella casada.

Volvera-se para a parêde,
Não tornou a dizer mais nada.

Claralinda pergunta á sogra por noticias do esposo; esta occulta-lhe a morte do Conde Claros.

Da guerra volta Dom Claros,
Da guerra de anno e dia;
Dera-lhe o mal no caminho
Quando para casa vinha.

«Novas te dou, oh meu filho,
Que tens Claralinda parida.
—Conforte-a, oh minha mãe,
Que se me escapa a vida;
E faça-me a mim a cama,
D'ella não me levantaria.

—«Diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que me queria,
Onde está o meu marido,
Que elle a vêr-me não vinha?
«Teu marido foi á caça,
Á caça de anno e dia;
A caça que elle trouxer
Eu d'ella te guardaria.
—«Diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que me queria,
Que é este estropido,
Que na nossa casa havia?
«Não é nada, minha filha,
São visitas que cá vinham.
—«Ora diga, minha mãe,
Pelo bem que me queria,
As paridas, n'esta terra,
De que tempo vão á missa?
«Umas vão de tres semanas,
Outras vão de quinze dias;
Mas tu como és mais nobre,
Só irás de anno e dia.
—«Diga-me, oh minha mãe,
Pelo bem que me queria,
As paridas, n'esta terra,
De que côr vão á missa?
—«Umas vestidas de azul claro,
Outras de mil-maravilhas;
E tu como és mais nobre,
Irás de luto vestida.

—«Mal o haja minha mãe,
Mais o bem que ella me queria,
Teve-me um anno casada,
Não ter-me ainda mais um dia.

Claralinda fallando com seu filho Dom Tristão da Bretanha:

—«Vosso pae, quando morreu,
Me deixou como penhor
Que vos desse bom ensino
E entregasse a bom senhor;
Heide entregar-te a El-rei,
Pois não ha outro melhor.

A Condessa teve um filho,
Teve um só, não teve mais;
Foram-o offerecer ao Rei
P'ra saber e valer mais:
Se o Rei muito lhe queria,
A Rainha muito mais.
El-Rei dava o bom vestido,
A Rainha o bom calçado;
Mandavam-no passear
Com cavalleiros fidalgos.
Indo o Conde passeando
Pela mãe foi encantado.

—«Teu pae quando faleceu
Me deixou encommendado,

Que a El-Rei te entregasse
Para de El-Rei seres creado.
Olha, que em tratos de amores,
Paço Real é sagrado!
E tu lá tendo amores,
Foge, filho malfadado.
Logo que El-Rei soubera,
Tu serias lanceado,
Ao rabo do seu cavallo
Tu serias arrastado,
E depois de quasi morto
Tinhas mais de ser queimado.

Mancebo que tal ouviu,
Longes terras foi morar.

Tristão vive recolhido junto de um Ermitão, até á edade de correr aventuras.

—Quem quizer a vida alegre
Não busque companha minha,
Que me pariu minha mãe
Em uma escura montinha.
Encontrou-me um Ermitão,
Levou-me p'ra sua ermida;
Sete annos me deu leite
De uma vacca parida;
Deu-me outros sete annos pão,
Do que rendia a ermida.

—«Sete e sete são quatorze,
Já podeis ganhar a vida.

Entregou-me arma e cavallo,
Impontou-me serra acima;
Encontrei-me com os Mouros,
Puzeram-me em guerra viva.
Quatrocentos lhes matei,
Outros tantos lhes ferira;
Prizionaram-me e levaram-me
Pr'a maior prizão que havia.
Sete annos n'ella estive,
Inda hoje lá estaria,
Se não fôra a bôa gente
Que n'aquella terra havia.

CANTILENA II

O TRIBUTO DAS DONZELLAS

Morhout da Irlanda cobra um Tributo de Donzellas do Rei Mark de Cornewall, por lhe terem matado seu pae, que levava uma Donzella em guarda.

REZO vae o Conde, prezo,
Prezo vae a bom recado,
Não vae prezo por ladrão
Nem por home haver matado;
Mas por violar a donzella
Que vinha de San Thiago.
Não bastou dormir com ella,
Senão dal-a ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado;
Por morta alli a deixara,
Sem mais dó, sem mais cuidado!
Foi á presença do Rei,
Onde o Conde era levado:

—Eu te requeiro, bom Rei,
Pelo Apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado:

Da lei divina é casar-me,
Da humana ser degollado;
Não ha fôro ou privilegio
D'onde Deus é o aggravado.

Disse o Rei aos do Conselho,
Com semblante carregado:

—«Sem mais detença, este feito
Quero já desembargado.
«Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou hade casar com ella,
Ou senão, ser degollado.
—«Pois que me praz, (disse o Rei)
O algoz seja chamado:
Ou já casar co'a Romeira,
Ou aqui ser degollado.
—Venham algoz e cutello,
(Respondeu o accusado)
Antes morrerei mil vezes,
Antes, que ser deshonrado!
Não me enterrem na egreja
Nem tampouco em sagrado;
N'aquelle prado me enterrem
Onde se fez o mercado;
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello entrançado
De cabeceira me pônham
A sella do meu cavallo,

Que digam os passageiros:
=Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal de amôres,
Que é um mal desesperado.

Tristão sabe do odioso Tributo das Donzellas, que pagava o Rei seu tio, e liberta o reino de Cornewall, matando Morhout.

A caçar Tristão andava,
A caçar como sohia;
Mas seu pêrro de cansado
Já correr mais não podia.
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia,
Em que não houvera gente
Nem tampouco abrigo havia.
Tam só um grande arvoredo
O campo todo cobria.
Deita olhos a um loureiro,
Viu um rosto que sorria;
Seu fino cabello de ouro
Todala rama cobria.
O lindo olhar de seus olhos
Em todo o mundo lumbria.

—Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?

Ai, quem veiu aqui deixar-vos
N'esta chaparra sombria?
Contae-me a vossa historia,
Por gosto eu a escutaria.
«Da familia real da França,
Neta sou do rei da Hungria;
E para aqui me trouxeram
De Morhout por falasria;
Encantada me deixaram
Com negra feiticeria.
Se o Cavalleiro quizera
Minha sina quebraria;
Montara-me em seu cavallo,
Já d'aqui me levaria.

Cativa-se o cavalleiro,
Quem se não cativaria!
De Tristão enfeitiçada,
Do loureiro se descia.

«Vamos, cavalleiro, a Roma
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Santo que lá seja
Absolvição nos daria.
—Não iremos lá tão longe,
Que em nós não ha malatia:
Ireis á minha albergada,
Lá tereis albergaria.

A caminho se puzeram
Quando a lua mais lumbria,
E dava o clarão no rosto
Da infanta que fugia;
Quando ao meio do caminho,
Perro Morhout lhe sahia,
Que era quem a guardava,
Que era quem a levaria.

—«Tem-te! tem-te, cavalleiro,
Se a vida não te agonia;
Se a poncella me levas,
Vae-se-me o luz do meu dia.
—Só me importa o que levo;
De ti não me importaria.
—«Se a dona tu me roubares,
Logo aqui te mataria.

Para elle avança Morhout,
Pensando que o deteria;
Mas ao puchar pela Infanta
A mão aos pés lhe cahia.
Quedou-se elle pensativo
Sem saber o que faria;
Emquanto Morhout pensava,
Emquanto elle se doria,
Tristão parte com a Infanta,
Voava, que não corria.

Morhout é vencido em um duello de morte na ilha de Sansonha, entrando depois triumphante na côrte de Cornewall, com as Donzellas libertadas. Tristão, assim canta na sua harpa:

DANSA DE ESTAVILLAR

No Figueiral figueiredo,
A no Figueiral entrei;
Seis niñas encontrara,
Seis niñas encontrei;
Para ellas andara,
Para ellas andei;
Llorando las achara,
Llorando las achei;
Logo las pescudara,
Logo las pescudei
Quem as maltratara
E a tão mala ley?

Uma repricara:
«Infançom, nom sei.
Mal houvesse la terra
Que tene o mal' rey!
Se eu las armas usara,
E á mi fé nom sei,
Se home' a mi levara
De tam mala ley,
A Deus vos vayades,

Garçom, cá nom sei
Se onde me fallades
Mais vos fallarey.

Eu l'a repricara:
—A mi fé nom sey;
Ca olhos d'essa cára
Caros comprarei.
A las compridas vias
Eu trás vós andarei;
Lingua de aravias
Eu las fallarey;
Morhout se me visse
Eu lo matarei.—

Morhout que las guarda
Cerca lo achei;
Mal las 'meaçava,
Eu mal me anojei,
Troncos desgalhara,
Troncos desgalhei,
Todolos machucara,
Todolos machuquei.
Las nenas furtara,
Las nenas furtei:
La que a mi fallara
Na alma la chantei.

No Figueiral, figueiredo,
A no Figueiral entrei.

LAI

que fizeram quatro Donzellas a Morhout da Irlanda, em tempo do Rei Artur; porque Morhout filhava todalas Donzellas que achava em guarda dos Cavalleiros, se as podia conquerer d'elles. E enviava-as pera a Irlanda pera serem sempre en servidon da terra.

O Morhout haja mal grado,
por que nós aqui cantando,
andamos tão segurado,
a tan gran sabor andando.
Mal grado haja! que cantamos
e que tan en paz dansamos.

Mal grado haja! pois cantando
nós aqui dansas fazemos,
a tan gran sabor andando,
que pouco lh'o agradecemos!
Mal grado haja! que cantamos
e que tan en paz dançamos.

E venha-lhe mala gaança,
porque nós tan seguradas
andamos fazendo dança,
cantando nossas balladas.
Mal grado haja! que cantamos
e que tan en paz dançamos!

LAI

que fizeram as Donzellas a Lancelot, pugnando muyto en honra com elle e Don Tristão:

Ledas sejamos hoje mais!
e dansemos! Pois nos chegou,
e o Deus comnosco juntou,
cantemos-lhe aqueste lais!
Ca este escudo é do melhor
homem que fez Nostro Senhor!

Con este escudo gran prazer
hajamos e cantemos ben!
e dansemos a nosso sen,
pois lo havemos en poder.
Ca este escudo é do melhor
homem que fez Nostro Senhor!

Hoje nos devemos alegrar
e este escudo, que Deus aqui
trouxe, façamol-o assi:
pouinhemos muito en o honrar!
Ca este escudo é do melhor
homem que fez Nostro Senhor!

Tristão adoece ferido por uma ruim lançada de Morhout; dizem-lhe que a Princeza Yseult, possue o balsamo Omnia sanans, *que só o pode salvar da ferida incuravel. O Rei Mark in-*

siste com o sobrinho para ir á Côrte da Irlanda e se achar a princeza bella a peça em seu nome por esposa.

Tristão na Côrte, deslumbrado com a extraordinaria formosura de Yseult canta na Rotha britana:

Mui gran tempo ha, por Deus, que eu nunca vi
quem de beldade vence toda ren!
E eu xe me elle queixasse por en,
gran dereito é; cá eu o mereci.
E bem me pode chamar desleal
de querer eu nem per bem, nem per mal
viver como ora sem ella vivi.

E pois que me de viver atrevi,
sem a vêr (em que fiz mui mal sen)
dereito faz, se me mal-talan ten,
por tal sandice qual eu cometti.
E com tal coita e tão descomunal,
se me Deus en sa mesura non val,
defenson outra non tenho eu por mi.

Ca d'aquel dia en que m'eu parti
da mia senhor e meu lume e meu bem,
por que o fiz, a morrer me convem,
pois vivi tanto sem tornar ali
u ella é. Se por en sanha tal
filhou de mim e me sa mercê fal,
ai! eu cativo! e porque naci?

Tristão descobre á Rainha mãe de Yseult a missão do Rei de Cornewall; e combinam de fazer-se o casamento pelo rapto da Donzella. Como realisa Tristão essa aventura:

No jardim do seu recreio
Passeia real donzella
Tão linda e engraçada,
Como as mesmas flôres bella.
Yseult a loira é seu nome
É da casa a primeira,
Filha do Rei da Irlanda
E da corôa a herdeira.
Seus disvellos e cuidados
Eram no jardim de flôres,
Por que até alli não sabia
Que cousa eram amores.
Mas nos montes defronteiros
Ao jardim onde ella estava,
Um forasteiro galante
Na pista da caça andava.
Quando o principe a viu
Foi tal a inquietação,
Que os olhos lhe arrasaram
Lagrimas do coração.

«Não sei para onde me vá,
Nem me conheço quem sou!
Estou louca de amor por elle,
Ao monte fallar-lhe vou.

—« Assocegae-vos, senhora,
Vêde que vos não convem
Ir jogar a vossa fama
Sem o saberdes com quem.
« Bem disseste, aia querida,
Fica tu entre as flôres,
Sabe-me d'elle quem seja,
Se por mim morre de amores.
—« Isso está a meu cuidado,
Recolhei-vos vós, senhora;
Seus passos aqui gosando,
Elle que vem sem demora.

—D'aquelles montes mais altos
Vi dentro d'este jardim
Uma flôr, alva, formosa,
Da brancura do jasmim.
—« Essa flôr que vós dizeis,
E' nobre dama de alteza,
Senhora d'este jardim
E d'este Reino princeza.
Ella vos manda recado,
Que se algum bem lhe quereis,
Pela noite, alli á porta
Dar-lhe uma falla podeis.
—Aqui tens um annel,
De alviçaras te offereço
P'ra d'este jardim colher
Essa flôr, que não mereço.
—« Generoso forasteiro,

Guardae segredo, cautella,
Que vos dou a minha fé
Colhereis essa flôr bella.
Está louca de amor por vós;
Se tanto bem lhe quereis,
Esta noite, áquella porta
Ter-lhe uma falla podeis.
—Oh sol de luzentos raios,
Que luz ao mundo estás dando,
Apressa mais a carreira,
Que de amor me vou penando.

O

—«Agora, minha senhora,
Pode ficar bem segura,
Que o nobre forasteiro
Por seu amor se aventura.
Que elle é de nobre sangue
Bem podeis ficar segura;
No amor d'elle, senhora,
Não vos faltará ventura
«Esta tarde, oh aia minha,
Minhas joias ajuntar,
Que eu á noite pretendo
Com meu amor me ausentar.
Chega, escuro da noite,
Dos amantes desejado,
Que eu quero vêr de perto
Aquelle meu adorado.

A noite escura chegou,
Passos mansinhos vem lá;
Serão ambos ou um só?
Algum d'elles faltará?

O

— Estaes ahi prenda querida?
«Aqui estou, prenda adorada.
— D'estes meus olhos sois luz.
«E vós dos meus, prenda amada.
— Dae-me cá, vós, esses braços,
Que n'elles me quero vêr;
Quero apagar o fogo
Que sinto em mim arder.
«Aqui tendes os meus braços,
Junto vae o coração;
Mas haveis de arreceber-me
Por molher, na vossa mão.
— Agora, vinde commigo,
Ao mais não digo que não.
«Vamos embora d'aqui,
Antes que seja sentida;
Que logo toda a pessôa
Saberá minha fugida.
Mal a fortuna me leva,
Mal a fortuna me guia;
Não sei se me furta um rei
Se homem de baixa valia?
Ficae, meu jardim das flôres,

Ficae, fontes de agua fria,
Onde cantam passarinhos
Todalas horas do dia.
Adeus, palacios reaes,
Palacios onde vivia ;
Adeus, janellas tão altas,
Janellas d'onde eu via
Correrem as aguas claras,
As aguas da fonte fria.
Adeus, aia da minha alma,
Que mais fiel não havia,
— Socegae, minha senhora,
Não choreis minha alegria,
Que tambem na Inglaterra
Tem aguas a fonte fria;
Os jardins tens passarinhos
Que cantam todo o dia.
La tenho paços reaes
De ouro e de pedraria,
Que sou filho de um rei,
Princepe de alta valia ;
Tem a côrte muitas damas
Que vos farão companhia.
Tudo isto e muito mais
Para a vossa gerarchia.
«Se alguem procurar quizer
Ponto da minha fugida,
No reino do amor procure,
Para lá vou de corrida.
Se minha mãe perguntar

Por uma filha que tinha,
Digam que me leva amor,
Muito por vontade minha.

Era pelo mez de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando a bella Infanta
Já da fróta se expedia.
Chegada era a galera
Que ali Dom Tristão trazia;
O mar lhe catava honra,
E as ondas cortezia.
Ao doce remar dos remos
A menina adormecia,
No collo do seu amor,
Pois assim lhe convenia.

«Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.

Yseult canta um Lai amoroso ao acordar vendo-se no mar alto.

Ir-me quero, madre,
Á nova galera
Com um marinheiro
Eu ser marinheira.

Madre, se me fôr,
Aonde quer que vá
Nada se me dá,
Só o quere amor.
Um sonho fagueiro
Impõe-me a chimera,
Por um marinheiro
Ir ser marinheira.

Tal poder celeste,
Mãe, não poderá,
Pois que a alma vá
Que o corpo veste.
Com o por quem morro
Vou por meu socôrro;
Sob sua bandeira
Vou ser marinheira.

É tyramna lei
Do infantil senhor,
Que por um amor
Se abandone a grey.
Pois por derradeiro,
Eu quero e elle quer,
Por um marinheiro
Marinheira eu ser.

Dizei, ondas, quando
Vistes vós donzella,
Sendo terna e bella

Andar navegando?
Que o Amor mui queira,
É d'elle o excesso,
Quando lhe obedeço
Em ser marinheira.

De azulados mares
Tristão é piloto:
Cumprirei seu voto
Sulcando pesares.
Affrontando azares,
Sigo-lhe a bandeira,
Com um marinheiro
Sendo marinheira.

Provando o Philtro ou Boivre d'amour, *Tristão abraça-a:*

Dá-me um prolongado beijo,
Faze da lingua uma bica,
Bocca com bocca o desejo,
Que inda mais sêde me fica.

Yseult com a cabeça sobre o peito de Tristão canta um Lai enternecido:

Por amores, madre
Passo eu o mar,
Prasa a Deus que os ventos
Me deixem passar.

De azulados mares
Tristão é piloto,
Comprirei seu voto
Sulcando pesares.
Affrontando azares
Sob sua bandeira,
Como marinheira
Já sei nortear;
Prasa a Deus que o mar
Me deixe passar.

Marinheira, Amor,
Dou-te esta vida
Pelo mar perdida
De ausencia e temor;
Que sem teu favor
A esperança afago,
Embora este fogo
Me possa salvar;
Prasa a Deus que o mar.
Me deixe passar.

Madre, não me admiro
Se o mar accrescento,
Se é mais o vento
Quanto mais suspiro?
O norte qne miro
Sem luz esmaece;
A terra apparece,
Sentir e calar....

Prasa a Deus que o mar
Me deixe passar.

Tristão cadenciando na rotha britana:

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello;
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Esses teus cabellos loiros
Pelas costas ao comprido,
Parecem meadas de ouro
A martello rebatido.

Yseult ainda sob o effluvio do Philtro amoroso:

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do céo fui creada,
Perdi-me na noite escura,
Em teus braços fui achada.

O sangue das tuas veias
Gira no meu coração;
Os teus braços são cadeias,
Amor, me entrego á prisão.

CANTILENA III

O PHILTRO DO LOUCO AMOR

Tristão e Yseult folgando em um laranjal descuidados—Um caçador que passa vae denuncial-os ao Rei.

NDO eu por 'hi abaixo,
A saber dos meus amores,
Encontrei um laranjal
Carregadinho de flôres;
Deitei-me á sombra d'elle,
Que não me queimasse o sol;
Lá pelo meio da noite
Ouvi cantar rouxinol.

—Rouxinol, que tão bem cantas,
Adonde fôste apprender?
«Ao palacio da Rainha,
Onde o Rei estava a escrever.
O Rei estava na varanda
E a Rainha no quintal;
Atiravam-se um ao outro
Com pedrinhas de cristal.
Estavam colhendo laranjas
Do seu rico laranjal,
As agras são a vintem

E as doces a real,
Aquellas mais bonitinhas
Diz, que eram p'ra El-rei jantar.

O

«Linda cara tem o Conde
Para tanto me encantar.
—Mais linda a tendes, senhora,
Para commigo brincar.

Quando estavam brincando,
Um caçador a passar.
Veiu o caçador, e disse:

—«A El-rei irei contar.
(Dom Tristão com ardileza
Logo o quiz degolar.)
Não me mate, cavalleiro,
Que é do reino de meu pae.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A El-rei não vás contar,
Que eu te darei ouro e prata,
Quanta possas carregar.
—«Eu não quero ouro e prata,
Que a senhora não m'o dá;
Brinquedos que aqui vi
A meu rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A El-rei não vás contar;

Que eu dar-te-hei minha sobrinha
Para comtigo casar.
—«Não quero sua sobrinha,
Que a senhora não m'a dá;
Folguedo que eu aqui vi,
A El-rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste,
Não vás a El-rei contar,
Te darei o meu palacio
Com todo o meu cabedal.
—«O seu cabedal não quero,
Que a senhora não m'o dá;
Que isto que eu vou contar-lhe
Muito mais me ganhará.
Quero guardar lealdade
A quem n'a devo guardar.

Foi d'alli o cavalleiro
Andando a bom andar,
Á casa dos Estudantes,
Onde El-rei estava a estudar.

—«Deus vos salve, senhor Rei,
E a vossa corôa real;
Lá deixei a Dom Tristão
Com a Rainha a folgar.
Da cintura para cima
Muitos beijos eu vi dar;
Da cintura para baixo
Não vos posso mais contar.

=Se m'o contaras occulto
Meu reino te houvera dar;
Como contaste em publico
Mandarei-te degolar.
I, guardas, prendam Tristão,
Depressa, não devagar;
Carregado bem de ferros
Que não possa-me fallar.
Dizei a seu tio Bispo,
Que o venha confessar,
Antes que chegue a hora
Que o venham degolar.

Dom Tristão é prezo em uma Torre, para ser julgado, onde o visita o Bispo seu tio e depois sua mãe; o Conselho do Rei condemna-o.

«—Deus vos salve, meu sobrinho,
Que em essa prizão está;
Por amor de alta senhora
Já te vão a ti matar.
Toda a vida eu te disse
Que te deixasses de amar
Pessôa tão impedida,
Poderiam-te matar.
—Saia-se d'aqui, meu tio,
Não me venha enfadar;
Mais vale morrer por ella
Do que deixal-a de amar.

Por quem se tocam os sinos,
Por quem se estão a tocar?
É por Dom Tristão, o triste,
Que o levam a degolar
Por brincar com alta dama,
Filha de sangue real.
Quando o Conde ia andando
Pela mãe foi encontrado:

«Teu pae, quando faleceu,
Me deixou encommendado
Que a El-rei te entregasse,
Para de El-rei seres creado.
Olha que em tratos de amor
Paço real é sagrado.
E se tu lá tens amores,
Foge, filho malfadado.

Mas nem o Conde fugiu
Nem emendou o pecado;
Mais namorou a Rainha,
Mais foi d'ella namorado;
Passavam horas e horas
N'um laranjal enrelvado:

—E se de vós, meu amor,
Eu deixar de ser amado?
«Só quando lo mar fôr serra,
Ou a serra fôr a nado.

=Chamem os do meu Conselho,
Que me quero aconselhar;
Vinde cá, lidos prelados,
Eu vos quero perguntar,
Este peccado de amor
Como o heide castigar?
—Paço real é sagrado,
Mesmo acima do altar;
Um réo de tamanha culpa
Caro o deve pagar:
Mandae-lhe vasar os olhos
Com que veiu namorar;
Mandae-lhe rasgar a bôca
Com que a veiu beijar;
Mandae-lhe quebrar os braços
Com que a foi abraçar;
Mandae-lhe partir as pernas
Com que se foi ao logar;
Mandae-lhe arrancar do peito
Coração de tal peccar.
Tudo com elle peccou,
Mandae-lhe tudo cortar;
E no laranjal relvado
Que vá por fim a enterrar;
Fique-lhe um braço de fóra
Com letreiro p'ra lembrar.
As letras rezem assim
Em romance de rezar:
Justiça d'El-rei mandou
N'este Conde justiçar:

Morreu por crime de amor,
Amor de mortal peccar.
=Criei-o de pequenino,
Basta ir a degolar;
Ella só, por ser quem é,
Não n'a mando já matar.

A mãe de Tristão vem confortal-o na prizão da Torre, e elle pede-lhe que leve uma mensagem á Rainha.

A mãe d'elle, que tal soube,
Doida lá vae a chorar;
Com ser velha, corre tanto
Que não na ha alcançar.
Quando chegou ao tronco
Ia quasi a rebentar:

—«Oh filho d'estas entranhas,
Quem te poz n'este logar?
—Um traidor maxeriqueiro
Que foi de mim delatar,
Por me vêr com a Rainha
No laranjal a brincar.
—«Oh que malditos amores,
De ti filho malfadado!
—Por elles vou padecer
Sendo lo menos culpado.
—«Filho, quando te pari
Com tanta dôr e pesar,

Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas nos olhos,
Filho, te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar.
E teu pae, já na agonia,
Que me estava a encommendar:
Emquanto fôsses pequeno
De bom ensino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te entregar.
Ai, de mim, triste viuva,
Que te não soube criar;
A El-Rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar.
Tu vaes dormir com a esposa
Do teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que El-Rei t'a manda cortar.
Nunca teu pae me mandasse
Na mão d'El-rei te entregar!
Ai nunca te fôra eu
Pôr-te na côrte a criar.
Ai filho d'estas entranhas,
Eu como te heide livrar?
—Oiça-me cá, minha mãe,
Vá-me um recado levar.
—«Aqui me tens, filho meu,
A quem o heide ir dar?

—Que vá dizer á Rainha
Que já me vão me matar;
Se meus olhos vir os d'ella
Minha alma se salvará.

Elle disse e ella foi
Tão depressa a caminhar,
Que com ser velha, ninguem
Ninguem a pode alcançar.

o

Sentada no seu estrado,
Bem longe de mal cuidar,
A rainha se penteia
Suas tranças a enastrar.

«Deus vos salve, alta Rainha,
Que em seu estrado está;
Dom Tristão manda dizer-vos,
Que já vae a degolar,
E se vir os vossos olhos
Sua alma se salvará.
=Creadas, minhas creadas,
Se me quereis acompanhar,
Eu já vou com meus cabellos
Faltando por entrançar.
Justiça! minha Justiça!
Minha Justiça real,

Por aquelle, que alli está
Minha vida eu irei dar.
Lá vae, cabellos á solta,
E vestidos a arrastar;
Com suas aias atraz
A Rainha a caminhar,
=Deus vos salve, Dom Tristão,
Não se dê a desmaiar;
Se a minha alma se perder
A sua se salvará.

E quando se ia chegando,
Ouviu assim pregoar:

=Mandam Justiça d'ElRei
N'este Conde justiçar;
Morra por crime de amor,
Amor de mortal peccar.
=Meirinho, que ahi pregôas
Pára já de apregoar;
Se não, da parte de El-rei
Lingua te mando cortar.

E o Meirinho ficou
A tremer, e sem fallar.

=Essa Justiça d'El-rei
Pare ahi n'esse andar,
Se não, da parte de El-rei
Pernas vos mando cortar.

E as Justiças ficaram
A tremer, sem mais andar.

=Oh vós, guarda, do palacio,
Arreda! deixae-me entrar;
Se não da parte, de El-rei
A todos mando matar.

E os guardas que tal ouvem,
Todos, todos a arredar;
E disseram uns p'r'os outros:
Vae lá seu Conde livrar.

A mãe de Tristão volta á torre á dar-lhe a esperança de que será salvo,

«Que fazeis aqui, meu filho,
Minha carne natural?
—Estou prezo por amor,
Ámanhã vou a matar.
«Tomae lá esta viola,
Tocae-me n'ella um baixão,
Como vosso pae tocava
No dia de San João.
Filho, para te livrar,
Cá formei minha tenção:
—Dae vós a Deus tal mulher,

Tão dura de coração!
Tem o filho p'ra morrer,
Manda-o tocar um baixão!
«Canta, canta, filho meu,
Canta, filho de benção;
Nas trovas que tu deitares
Póde estar a salvação.

Tristão entôa o Soláo das Alvoradas

—Já os linhos enflorecem,
Estão os trigos em pendão!
Ajuntam-se as môças todas
No dia de San João,
Umas com cravos e rosas,
Outras com manjaricão,
Aquellas que o não tiverem
Tragam um verde limão.

Oh dia, que eras um dia,
Oh dia de San João!
Quando todos os mancebos
Com as suas damas vão,
Uns levam cravos e rosas,
Outros um manjaricão;
Ai de mim, triste, coitado,
Estou n'esta escura prizão,
D'onde não vêjo raiar
O tão lindo claro sol.»

Manhana de San João,
Pela manhana do alvor,
Todos os criados vão
Visitar o seu senhor;
Só eu sou triste, coitado,
Que estou n'esta prizão;
Não sei quando é dia,
Nem quando arrecada o sol,
Se não são tres passarinhos
Que me cantam no alvor:
Uma era a calhandrina,
Outro era o rouxinol,
Outro era o pintasilgo
Que ainda canta melhor.

O rei que ia passando,
Cavallo mandou parar.

=Que vozes do céo são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos do céo
Ou as sereias do mar?
«Não são anjinhos do céo
Nem são sereias do mar,
É o Conde Dom Tristão
Que El-Rei manda matar.
—Se é o Dom Tristão, que pedes?
«Que lhe queiraes perdoar.
—Chama á pressa o carcereiro,
Que á pressa o vá soltar.

Quando chegados á torre,
Dom Tristão ainda a cantar:

—O dia antes do dia,
Que é dia de San João,
Me encerraram n'esta torre
Para fazer penação.
Estou aqui, triste, coitado,
Mettido n'esta prizão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.

Das suas varandas altas
El-rei estava a escutar,
E se vae onde a Rainha,
Pela mão a foi buscar:

—«Anda ouvir, minha querida,
Este tão lindo cantar.
«É do triste sem ventura,
A quem mandaes degolar.
—«Pois já revogo a sentença,
E já o mando soltar.
E ao que fallou tão alto,
Alto vá a enforcar;
Castigar os chocalheiros
É bôa justiça real;
Que ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar.

Tristão, perdoado pelo Rei seu tio, fica no palacio, cada vez mais apaixonado por Yseult.

O Conde Tristão não dorme,
Não pára no cabeçal,
Salta pinotes na cama
Que nem galera real.
E brada por seus creados
Á pressa, não de vagar,
Que lhe tragam de vestir,
Ginete para cavalgar.
Fina camisa lhe trazem,
De se fechar n'esta mão,
Cosida por tres donzellas
Na manhã de San João.
Tambem lhe deram vestido
Recamado de primôr,
Que nem El-Rei, com ser Rei,
Não lo vestia melhor.
No seu ginete puzeram,
Á roda do peitoral,
Sete estrellas de oiro fino,
Sete de branco metal;
E meteu duas nos pés,
Além das do peitoral;
Tres ourives as lavraram
N'uma noite de Natal.

Cavalgou no seu ginete,
Depressa, não de vagar,

Que lá estava a Rainha
Na janella a vigiar:

«Oh que lindo corpo de homem,
Para com Mouros brigar!
—Para melhor tenho-o eu,
P'ra vos servir e guardar.
«Lindo Conde, lindo Conde,
Sobrinho de El-Rei querido,
Não sei porque é, Dom Tristão,
Que te chamam o atrevido,
Porque não fallas de amor
Quando te encontras commigo?
—Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.
«Se não fôras tão covarde,
Que já dormiras commigo.
—Vós dizeis isso, senhora,
Porque sou vosso cativo;
E por ser vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo.
«Eu não o digo zombando,
Que devéras te lo digo.
Entre las dez e as onze,
Quando o Rei estiver dormindo,
Vem descalço pés e pernas,
P'ra não sermos presentidos.

Inda as dez não eram dadas
Dom Tristão era a caminho;

Vem descalço, pé e perna
Para não fazer trupido.

«Oh, quem bate á minha porta,
Quem arranha o meu postigo?
—Sou Tristão, senhora minha,
Que não falto ao promettido.
«Pousa ahi as tuas armas,
E deita-te aqui commigo.

Ambos em cama de rosas
Se deitaram a dormir,
Se não sob a madrugada,
Já manhãsinha a lusir.
El-Rei sonhara um sonho
Que bem certo lhe sahia.

=Ou me raptaram a esposa,
Ou me roubam o castilho.

Levantou-se El-Rei da cama,
Com desgraçado sentido;
Pegou em a sua espada
E foi dar volta ao castillo;
Os seus sapatos na mão
P'ra o passo não ser sentido;
Fôra de paço em paço
Á camara da Rainha,
Achou-os cara com cara,
Como mulher com marido!

=Para matar Dom Tristão,
Criei-o de pequenino;
Para matar a Rainha,
Fico no reino perdido.
Meto-lhe a espada entre ambos
Para que sirva de aviso,
A ponta para a Rainha,
Que a morte tinha mer'cido.

Acordara Dom Tristão;
Ficou mais morto que vivo!

—Acorda, oh Rainha bella,
Triste somno tens dormido!
Entre nós mettida, olha,
A espada de teu marido.
«Levanta-te já, Tristão,
Não sejas tão dolorido;
Vae já deitar-te a seus pés,
Que El-Rei é bem soffrido.
Bem o vês, se elle quizesse
Teria Tristão vencido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo:
Se El-Rei te mandar matar,
Eu heide morrer comtigo.

=D'onde vens, sobrinho caro,
Que vens tão espavorido?
—Venho a vossos pés, senhor,
Venho buscar o castigo.

=Nunca pensei, oh Tristão,
Que fôsses tão atrevido.
—Rei, senhor, se me atrevi
Fui primeiro ao promettido.
Rei, senhor, venho da caça,
Mas não a trago commigo,
Que trazer caça real
A conselho é defendido.
Só vos trago uma cabeça,
A minha; dae-lhe o castigo.

Vêdes agora o rei
Dando voltas ao sentido:

=Como matar a Rainha,
Com seu juramento a illibo;
E ao meu sobrinho Tristão,
Se o criei de pequenino?
Metel-o-hei n'uma torre
Por principio de castigo.
Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça formaes
N'este sobrinho atrevido?

Olharam uns para os outros,
E por todos respondido:

«—Cavalleiro, que tal faz
Tem a cabeça perdido,

Sobre elle caia a sentença:
Por anno e dia—*banido.*

Tristão, desterrado da Côrte do Rei Mark, faz-se ouvir de Yseult tocando de noite a rotha britana e cantando soláos.

Conde pae morreu na guerra
Do tempo d'El-Rei passado;
Conde filho de menino
Era no paço creado,
E da Rainha formosa
Elle andava namorado.
Passavam tardes inteiras
N'um verde campo relvado;
Indo elle para o palacio
Foi pela mãe encontrado:

«Vosso pae quando morreu,
Me deixou como penhor,
Que vos desse bom ensino
E entregasse a bom senhor;
Entreguei-vos a El-Rei,
Pois não acho outro melhor.
Olhae, filho, que me dizem
Que vós lhe fostes traidor,
Que dormistes com a esposa
De El-Rei, teu tio e senhor!
Receae-vos do castigo,
Accolhei-vos, se tal fôr.

Por pedidos de teu pae
Tens de El-Rei sido creado;
Agora te peço eu:
Fuge, filho malfadado,
Que tu da loira Rainha,
Bem o sei, és namorado.
E quem poz olhar tão alto,
D'alto pode ser deitado;
Fallas de amor tem peçonha,
Ou pódes ser degolado,
Que no trato dos amores
Paço real é sagrado.

Mancebo que tal ouvia
Longes terras foi morar;
Ausentando-se da culpa
Fugiu elle a bom recado.
No cabo de uma semana
A sua terra chegado . . .

Logo que a Rainha o soube
Toda chorosa carpia,
Perguntando á fortuna
De que sorte viveria?
Já se lá vae Dom Tristão,
Manhanita de Natal,
Vae dar agua ao teu cavallo
Lá para as ribas do mar.
Dom Tristão morre de amôres
Pela loira esposa real;

Assim que El-Rei tal soube
O mandára desterrar.
Emquanto o cavallo bebe
Elle se poz a cantar.

Lai de amor de Tristão:

Dom Amôr, eu canto e chóro
E tudo me vem d'alli
Da por quem eu canto e choro,
E por meu mal, que um dia vi.

E porém, se eu exoro,
Mui gram direito faço hi,
Cá ali se a eu exoro,
Sempre lhe peço e pedi.

Ella! e peor eu demoro
Em seu amor, Deus de mi
Haja mercê, ca se eu demoro
Em tal coita, perder-me-ei hi.

O

O Rei que á janella estava,
Mal o acabou de escutar,
Vae-se a ter com a esposa,
A loira esposa real.

—Anda cá, oh filha minha,
Ouvir um doce cantar,
Que ou são anjos no céo

Ou são sereias no mar.
«Não é não, real senhor,
É bem outrem esse cantar.
É Dom Tristão com saudades
Que se está a delatar!
É Dom Tristão, Dom Tristão,
Que de amores me vem fallar.
—Se é Dom Tristão, oh filha,
Eu o mando já matar;
É bem que pague co'a vida
Desterrado que tal faz,
«Na fogueira em que elle arder,
Me quero eu logo queimar,
E na cova em que o mettam
Tambem me quero enterrar.
—Quem falla aqui em Tristão?
Quem se atreve a nomear
A esse vassallo traidor
Que eu mandei desterrar?
«Senhor, a culpa é só minha,
A mim deveis castigar;
Não posso viver sem elle,
Fui eu que o mandei chamar.
—Cala-te, esposa traidora,
Não te queiras deshonrar,
Que antes que o dia amanheça
O mandarei agarrar.

=Cavalleiro não namores
Mulher de El-rei teu senhor!

Tua vida pagaria
Tamanho crime de amor.

Elle oviu e não fez caso,
Poz-se a cantar sem temor;
Noite escura, e longe foi
O seu cantar de primor:

— Oh que linda noite esta,
A noite de San João!
Conversar com seu amor
Todolos os rapazes vão. —

Tristão como entendido
A longes terras foi dar,
Casou com uma senhora
Que mui bem sabia fallar.
A Rainha que o soube;
Quiz logo ir perigrinar.

Yseult vae á procura de Tristão, sem saber aonde encontral-o.

«A fortuna convidou-me
Para com ella jantar,
Em mesa de sentimento,
Toalhinha de pesar.
Dize-me tu, oh fortuna,
Quando me has-de deixar?
— Quando se seccarem fontes

E os rios que correm ao mar.
Fica-te embora, fortuna,
Que bem te podes ficar;
Eu vou-me de terra em terra
E de logar em logar,
Vêr se encontro um cavalleiro,
O meu amor natural.

Para ir ter com Dom Tristão
Que traças havia armar!
Um dia poz ella a meza
A El-Rei para jantar:
Jarra de prata na salva
Com agua p'ra refrescar;
Bacia tambem de prata
Onde suas mãos lavara;
Toalha de linho fino
Para n'ella as alimpar;
E já tinha a barca prompta,
Bom tempo e melhor mar.

«Largo! largo, minha barca,
Por hi fóra a navegar,
P'ra as terras de D. Tristão,
Minha barca andar, andar.
Lá deixei a meza posta,
El-Rei está a jantar.

Que a Rainha fugia,
Quem o houvera cuidar!

Áquellas terras chegada,
Fartinha de viajar,
Indo por uma praça acima,
Tres senhores vira estar:

Beijo-vos as mãos, senhores,
Cada qual no seu logar;
Não pergunto por ermida
Nem por contas de resar,
É só por um cavalleiro
Freguez de meu natural?
— Namoremos a donzella,
Discreta no seu fallar;
Não pergunta por ermida
Nem por livros de resar,
É só por um cavalleiro
Freguez de seu natural.
— «Senhor Dom Tristão á caça
Foi, não pode aqui tardar;
Mas se a pressa é muita
Eu o mandarei chamar.
«Elle a pressa não é muita,
Tambem posso esperar.

Viu tres damas assentadas,
Só duas a trabalhar;
A do meio, por senhora,
Nada faz senão olhar.

«Nosso Senhor aqui esteja
Comvôsco n'este logar;

Comvôsco, dama do meio,
Convôsco quero fallar.
De Dom Tristão, vós senhora,
Que novas me sabereis dar?
—«Deus vos salve, forasteira,
Que tão bem sabeis fallar,
Aqui mora Dom Tristão
Que foi á caça montear.
Forasteira, se tens pressa,
De pressa se vae chamar.
«Sete annos ha que espero,
Estou fartinha de esperar.

Yseult encontra Tristão já casado com uma Dama que tinha salvado do Tributo a Morhout.

Palavras não eram ditas,
Tristão de pé no portal.
Olhava um para o outro,
Nem um nem outro fallava.
Nos olhos bem se entendia
O que um do outro cuidava!
As lagrimas eram tantas,
Que a terra já se banhava;
Os suspiros eram taes,
Que só de ouvil-os cortava.
Ficara-se ella suspensa,
Elle immovel se quedara.

—Que fazeis aqui, donzella,
De mi terra natural?

«Meus suspiros com teus ais
Me fizeram cá chegar.
—A que vindes vós, senhora,
Que vindes buscar aqui?
«Que me guardeis a palavra,
Que vós me destes a mim;
Que me acceiteis por mulher,
Pois que por vós me perdi.
—Em má hora sois chegada,
Em má hora de contar;
Quando te eu fallar queria
Não me quizeste escutar;
Quando te mandava prendas
Não m'as quizeste acceitar.
Quando eu quiz não quizeste,
Agora que vens buscar?
Agora é tarde, não posso,
Tenho outra em vosso logar,
E d'ella já tenho filhos,
Que Deus me ajude a criar.
«Se tu tens mulher e filhos,
Deus t'os queira conservar;
Tarde cheguei, cavalleiro,
Para só por mim fallar.
Não podes tu já valer-me,
Nem tenho mais que esperar.
Porém como tu és de outra,
Mais ninguem me hade gosar,
Abre-me ainda os teus braços,
Que n'elles quero expirar.

Dae-me licença, senhora,
Que eu o quero abraçar.
— «A licença vós a tendes,
Não vol-a posso negar.

A morte dos dois amantes, primeiramente de Yseult e depois de Tristão.

Palavras não eram ditas,
Donzella o foi abraçar;
Ella cahiu para traz,
Alli se deixou finar.

— Jesus! que tamanha dôr,
Jesus! tamanho pesar!
— «Cavalleiro, dá-lhe um beijo,
Que torne a resuscitar;
Ella já está tão fria
Como o ferro natural.
Vinde cá, bom Ermitão,
Este caso consultar:
Que faremos á donzella
Da ermida para a enterrar?
= Morreu sem rependimento,
Morta em mortal peccado,
Quem assim morre de amor
Nunca se enterra em sagrado;
Enterra-se em campo verde
Onde vae pastar o gado;
Fique-lhe um braço de fóra

Com um letreiro pregado,
Que diga em grandes letras,
Que seja bem declarado:
Quem assim morrer de amor
Morre em peccado mortal.
— Venha cá, minha mulher,
Conselho quero tomar:
Que faremos á donzella
Da ermida para a enterrar?
«O conselho que te dou,
É que a mandes arrastar,
Levada pelos cabellos
E lança-a n'aquelle mar;
Vae andando, vae andando,
Irá ter a bom logar...
— Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar,
Eu ainda tenho dinheiro
Para a mandar sepultar.
«Carrega-a de ouro e prata,
Manda-a deitar ao mar,
Para que aonde ella chegue
Ter com que a enterrar.
— Esse conselho não tomo,
Esse não heide tomar;
Ainda tenho uma ermida
Para n'ella se enterrar;
Esse ouro, essa prata
Para com ella gastar.
Heide fazer um entêrro

Como seja a mãe e pae;
Mandarei fazer uma cova
Para a mandar enterrar;
Os seus cabellos dourados
Por fóra hão de ficar,
Para todos os namorados
Alli irem acabar.

Mandou chamar tres donzellas
Para a virem enfeitar.

— Dae-me licença, senhora,
Que na cama a vá deitar.
«A licença que vos dou
É que a mandeis queimar,
Com dez carradas de lenha,
E eu para as atiçar.

O Conde com grande dôr
Alli se deixou finar.

As sepulturas de Tristão e Yseult; e a sua união, ainda na morte.

Mortos que eram os amantes,
Já lá os vão enterrar,
Elle no meio da egreja,
Ella mesmo ao pé do altar.
Tres dias eram passados,
Na egreja o mesmo cantar,

O cantar que El-rei ouvira
Lá para as ribas do mar.
Passado que eram tres dias,
Então é que era pasmar:
Na campa da linda amante
Nasce um formoso rosal,
Da campa do cavalleiro
Um viçoso canavial;
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar.
Manda El-rei cortar as canas
Mais as rosas do altar;
D'ella nasce uma pomba
D'elle um pombo torcal;
Mas El-rei de enraivecido
Laços lhes mandou armar.
Vôavam azas com azas,
Para no ár se abraçar,
Vôavam bico com bico
Para no ár se beijar,
E tanto, tanto vôaram
Que ao céo fôram a parar.

Tres annos eram passados
Na egreja o mesmo cantar,
O cantar que El-rei ouvira
Lá sobre as ribas do mar.
Sentava-se o rei á meza,
No hombro lhe iam poisar.

Esse cantar que se ouvia,
Quem o poderá saber:

Tu chamas-me tua vida,
Eu tua alma quero ser;
Que a vida acaba com o corpo,
A alma não pode morrer.

—Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar;
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.

Um vôou, o outro vôou,
Longes terras fôram dar;
Ella se fez em ermida
E elle n'um rico altar.
El-rei tanto que o soube
Logo os fôra visitar;
Mandou a ambolos dois
Com grande dôr ajuntar
Em sepultura sagrada,
Elle e ella par a par.
E prantou-lhe um rosal verde
Para bôa sombra dar;
Que misturava os arômas
Com os de alvo jasminal.
Tanto pendem um p'r'o outro
Que se fôram enlaçar;
Tanto nasceram p'ra cima,

Que no céo fôram topar.
Todas as aves do mundo
Todas lá iam cantar,
Todas lá iam dormir,
Todas lá iam criar,
E as folhas que esfolham
O vento as vinha ajuntar.

O Rei dera-lhe o perdão;
Quem não hade perdoar
Este amor mal começado,
Que tão mal veiu a acabar?
Fazem as aves o ninho
Lá sobre as rochas do mar,
Onde se formou ermida
Com seu protentoso altar,
Para quem de amor morresse
Alli se fôsse enterrar.

FIM.

INDICE

TRISTÃO O ENAMORADO

PREAMBULO: *A Lenda de Tristão na Epopêa de Amor da Edade Media* 6

CANTILENA I

A DURA LEI DA ESCOSSIA

Conde Claros faz a apósta de dormir uma noite com Claralinda, e inventa um estratagema feliz . . . 69
Conde Claros vae gabar-se ao jogo do exito da sua aventura; pelas allusões conhecem que era Claralinda 71
O Rei conheceu que sua irmã Claralinda está gravida, e tem de submetel-a á dura Lei da Escossia . . . 73
Mensagem de Claralinda ao Conde Carlos para que a venha salvar.—O rapto da princeza 77
Conde Claros vivendo no seu castello com Claralinda, vae dar parte do casamento a sua prima Juliana. . 82
Conde Claros voltando da caça, doente, falece emquanto sua esposa está de parto, sem saberem um do outro 85
Claralinda pergunta á sogra por noticias do esposo; esta occulta-lhe a morte do Conde Claros 87
Claralinda fallando com seu filho Dom Tristão de Bretanha 89
Tristão vive recolhido junto de um Ermitão, até á edade de correr aventuras. 90

CANTILENA II

O TRIBUTO DAS DONZELLAS

Morhout da Irlanda cobra um Tributo de Donzellas do Rei Mark de Cornewall, por lhe terem matado seu pae, que levava uma Donzella em guarda 95
Tristão sabe do odioso Tributo das Donzellas, que pagava o Rei seu tio, e liberta o reino de Cornewall, matando Morhout 97
Morhout é vencido em um duello de morte na ilha de Sansonha, entrando depois triumphante na côrte de Cornewall, com as Donzellas libertadas. Tristão assim canta na sua harpa 100
Dansa de Estavillar. 100

LAI

que fizeram quatro Donzellas a Morhout da Irlanda, em tempo do Rei Arthur; porque Morhout filhava todalas Donzellas que achava em guarda dos Cavalleiros, se as podia conquerer d'elles. E enviava-as pera a Irlanda pera serem sempre en servidon da terra . 102

LAI

que fizeram as Donzellas a Lancelot, pugnando muyto en honra com elle e Don Tristão 103

Tristão adoece ferido por uma ruim lançada de Morhout; dizem-lhe que a Princeza Yseult, possue o balsamo *Omnia sanans,* que só o pode salvar da ferida incuravel. O Rei Mark insiste com o sobrinho para ir á Côrte da Irlanda e se achar a princeza bella a peça em seu nome por esposa.

Tristão na Côrte, deslumbrado com a extraordinaria formosura de Yseult canta na Rotha britana 104
Tristão descobre á Rainha mãe de Yseult a missão do Rei de Cornewall; e combinam de fazer-se o casamento pelo rapto da Donzella. Como realisa Tristão essa aventura. 105
Yseult canta um Lai amoroso ao acordar vendo-se no mar alto 110
Provando o Philtro ou *Boivre d'amour,* Tristão abraça-a 112
Yseult com a cabeça sobre o peito de Tristão canta um Lai enternecido 112
Tristão cadenciando na rotha britana 114
Yseult ainda sob o effluvio do Philtro amoroso . . . 114

CANTILENA III

O PHILTRO DO LOUCO AMOR

Tristão e Yseult folgando em um laranjal descuidados — Um caçador que passa vae denuncial-os ao Rei . 117
Dom Tristão é prezo em uma Torre, para ser julgado, onde o visita o Bispo seu tio e depois sua mãe; o Conselho do Rei condemna-o 120
A mãe de Tristão vem confortal-o na prizão da Torre, e elle pede-lhe que leve uma mensagem á Rainha. 123
A mãe de Tristão volta á torre a dar-lhe a esperança de que será salvo 127
Tristão entôa o Soláo das Alvoradas 128
Tristão, perdoado pelo Rei seu tio, fica no palacio, cada vez mais apaixonado por Yseult 131
Tristão, desterrado da Côrte do Rei Mark, faz-se ouvir de Yseult tocando de noite a rotha britana e cantando Soláos 136
Lai de Amor de Tristão 138

Yseult vae á procura de Tristão, sem saber aonde encontral-o.
Yseult encontra Tristão já casado com uma Dama que tinha salvado do Tributo a Morhout. 143
A morte dos dois amantes, primeiramente de Yseult e depois de Tristão 145
As sepulturas de Tristão e Yseult; e a sua união, ainda na morte 144

INDICULO

Dos Romances populares e Canções formando o conjuncto das Cantilenas de TRISTÃO O ENAMORADO:

Dom Claros de Alem-Mar (Romanceiro geral portuguez, t. I, p. 391 a 407 414 a 417.)
Claralinda (*Ibi,* p. 305 a 399).
Juliana e Jorge (*Ibi,* p. 89 a 91).
Conde prezo (*Ibi,* t. II, p. 119 a 123).
Casamento e mortalha (*Ibi,* t. I, p. 327 e not.).
Reginaldo (*Ibi,* t. I, p. 89 a 91).
Conde Nilo (*Ibi,* I, 263 a 275).
Princeza peregrina (*Ibi,* p. 277 a 305).
Canção do Figueiral (*Ibi,* t. II, p. 315).
Lai das quatro Donzellas (Cancioneiro Colocci-Brancuti).
Lai das Donzellas a Lancelot e a Tristão (Idem).
Lai : Irme quero, madre (Canções, *Epoca Vida e Obra,* t. I. p. 97 a 99).
O Philtro e seus effeitos (Cancioneiro popular portuguez, vol. I.)

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PRAÇA DA REPUBLICA, 160, 161, 162, PORTO,
AOS 30 DE DEZEMBRO DE 1914,
TIRANDO-SE DEZ EXEMPLARES
EM PAPEL COUCHÉ
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO AUTOR.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9243
T7
1914

Tristan
Tristão o enamorado

BIBLIOTECA LUSITANA

SOB A DIRECÇÃO

DE

JAIME CORTESÃO e ALFREDO COELHO DE MAGALHÃES

E

COM A COLABORAÇÃO

DE

Teofilo Braga
D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos
Ricardo Jorge
Leite de Vasconcelos
José Pereira de Sampaio (Bruno)
Joaquim de Vasconcelos
Teixeira de Pascoaes
António Sérgio
Afonso Lopes Vieira
Virgilio Correia
José Teixeira Rego
Francisco Torrinha
etc., etc.

VOLUMES PUBLICADOS

CANCIONEIRO POPULAR

ANTOLOGIA PRECEDIDA DUM ESTUDO CRÍTICO POR

JAIME CORTESÃO

CRONICA DE D. DUARTE de RUI DE PINA

COM ESTUDO CRÍTICO, NOTAS E GLOSSARIO POR

ALFREDO COELHO DE MAGALHÃES

TRISTÃO O ENAMORADO

COORDENAÇÃO E PREFACIO DE

TEÓFILO BRAGA

A SAIR

AUTOS DE GIL VICENTE, por Afonso Lopes Vieira

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 06 006 1